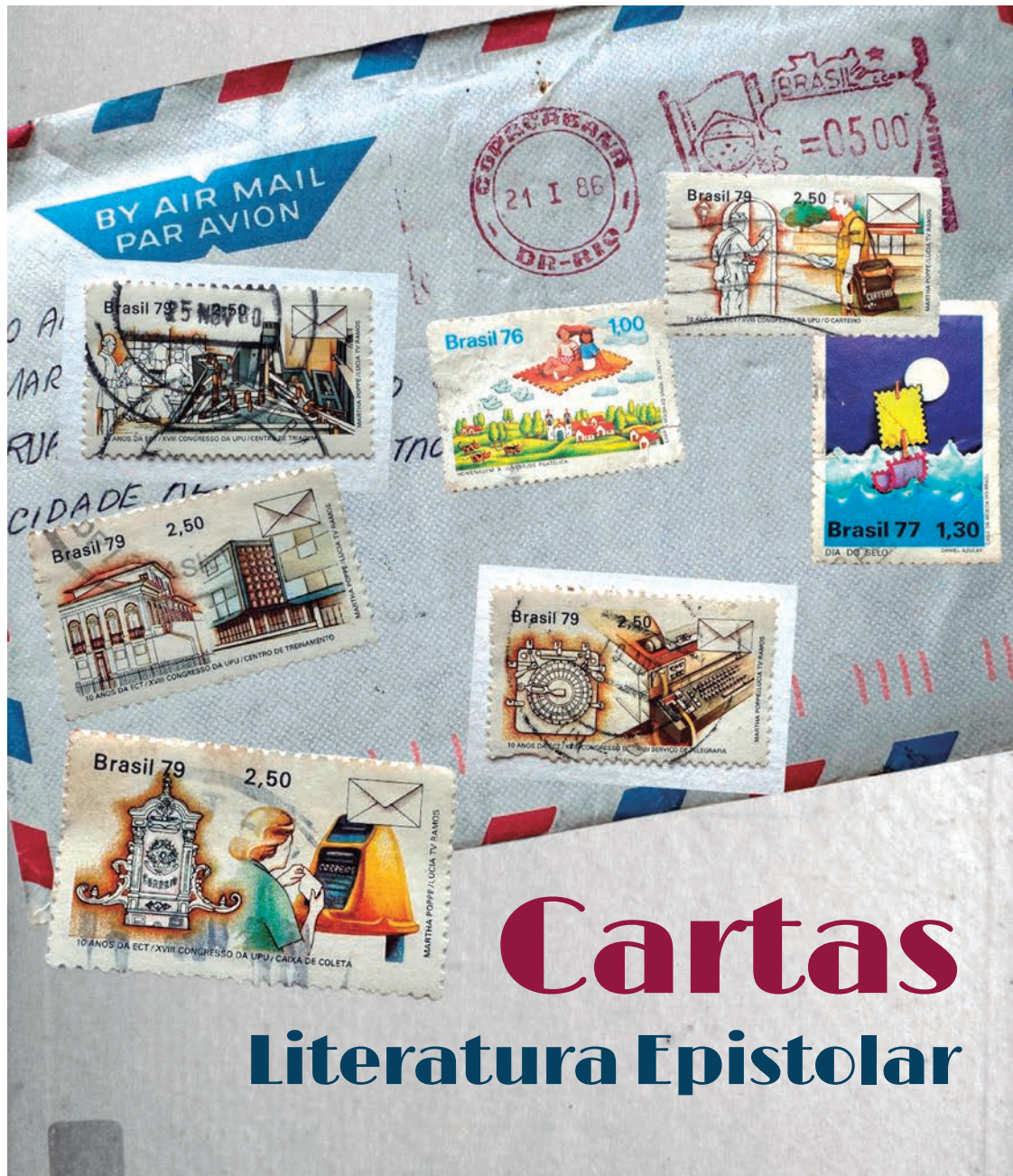


texturas⁰⁹

Revista Literária da Oficina da Palavra • Dezembro • 2023



Cartas Literatura Epistolar

Crônicas • Contos • Poemas • Experimentos



OFICINA DA PALAVRA PUBLICAÇÕES

cyntia@ofpalavra.com.br

+55 (48) 9 8481-0843

Instagram: @oficina_da_palavra

www.ofpalavra.com.br

REVISTA TEXTURAS Nº 9

**DIREÇÃO DE ARTE, PROJETO
GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:**

Ítalo Mendonça (www.italomen.com.br)

EDIÇÃO E REVISÃO GERAL:

Cyntia de Oliveira e Silva

IMAGEM DA CAPA:

Cartas e selos

fotografias de Cyntia Silva, com edição

digital de Ítalo Mendonça, 2023.

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.9 (dez. 2023) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2023. 84 f.: il

“Vários colaboradores”.

Anual

Publicada também como Revista Eletrônica em pdf e em formato de áudio no *site* da Oficina da Palavra (www.ofpalavra.com.br).

1. Literatura - Periódico. 2. Cartas. 3. Contos e crônicas. 4. Fotografia. 5. Arte.

Sumário

04 . **Editorial** . Cyntia Silva

CARTAS

06 . A carta de Gertrudes - ela sabia? . Marlene de Fáveri

14 . Dez estrelas . Marcelo Labes

20 . Antes que o céu se rasgue . Cátia Castilho Simon

26 . Carta a Heba Abu Nada . Cyntia Silva

32 . Um Mar Paraguaio entre o Desterro e o Oeste . Luciana Tiscoski e Ibriela Bianca Sevilla

38 . Cartas além-mar . Alle Braga Manzano e Lisa Lynn Ericson

42 . Carta a Gepeto . Rosane Cordeiro da Silva

44 . Carta ao Palhaço . Gian Francesco Lucca

48 . Carta à mãe . Paulino Júnior

50 . Carta de uma para a outra . Juli Sell

54 . A última carta . Marina Hadlich

56 . Carta às mulheres que fazem sol . Gabriela Cristina C.G. dos Santos

60 . Carta sobre uma certa biblioteca . Geraldo Maia

64 . O amor é minha mensagem . Jérôme Sevestre

66 . Cartas sobre cartas pedagógicas . Cyntia Silva e Ana Lúcia Souza de Freitas

78 . Carta sobre Texturas 08 . Dinivaldo Gilioli

80 . Créditos Finais

cresci e
 de
 dia do
 cartões,
 se iam
 pont
 no
 rno
 pol
 e memo
 um pouco
 do isso.
 cuidado o
 a ro
 tram

BY AIR MAIL
 PAR AVION

BRASIL
 21 I 86
 DR-RIS

BRASIL
 =05.00
 P.B.-M. 6276

REPUBLICA ARGENTINA \$4
 CORREO ARGENTINO
 UNIDAD POSTAL
 NIS V3036
 V9410AJC
 ISLA RECONDADA
 -6 ENCLAVE
 UNIDAD POSTAL
 NIS V3036
 V9410AJC

not. walter de
 559 - Corrego
 camopolis-SC
 -300
 SILVA
 in the world
 611
 NTNO)

Dia 19 de

aqui esta o ne
 port. (aqui nesta refito
 se tu estivesse aqui

Talvez voce não gos
 de suassos de FM
 do jeito que u
 B) fache que e
 a música e o
 madense, veja com
 a música e o
 os deste lado são orgu
 que um conjunto Holands e 4º e
 e- Escria que voce prntasse atengã
 A que estão assublimhador
 AN I CAN BEAR CERRAÇÃO
 (3º)
 TORY (4º)
 (5º) elas



Editorial

QUERIDAS E QUERIDOS,

Chegamos à nona edição de Texturas e, pela primeira vez, com apenas um número no ano. Eu, Cyntia - curadora e editora -, e Ítalo (designer e editor de arte) tivemos outras atividades profissionais e pessoais que nos fizeram repensar o formato da revista para não interromper a publicação.

Lembro que Texturas é um projeto patrocinado e conduzido pela Oficina da Palavra. Curadoria, edição e montagem são por nossa conta, mas não conseguimos remunerar autores(as) e ilustradores(as). Disponibilizamos as versões digital e sonora gratuitamente em nosso site. Quem se interessar em ter uma edição colorida impressa, pode adquirir a preço de custo diretamente com a gente (consultar valor da impressão + postagem).

A revista é parte de nossa militância e trincheira literária e as vozes que por aqui passam estão ecoando na cena literária da cidade. Pela segunda vez, fomos citados na reportagem de Paulo Clóvis Schmitz no jornal Notícias do Dia¹.

Como anunciado na edição anterior, este número é composto por textos literários em formato de cartas. Para isso, contamos com a participação de: Marlene de Fáveri, Marcelo Labes, Cátia Simon, Cyntia Silva, Luciana Tiscoski, Ibriela Bianca Sevilha, Alle Braga, Lisa Lynn Ericson, Rosane Cordeiro da Silva, Gian Francesco Lucca, Paulino Júnior, Juli Sell, Marina Hadlich, Gabriela Cristina C.G. dos Santos, Geraldo Maia, Jérôme Sevestre, Ana Lúcia Souza de Freitas e Dinivaldo Gilioli.

Nas ilustrações, trazemos: Jason de Lima e Silva, Max Beulke, Cyntia Silva, Patrícia Reuter, Francisco Mibielli, Roberto Gorgati, Daniela Vaz, Renato Nascimento.

No site www.ofpalavra.com.br vocês acessam a versão em áudio: **Texturas Sonoras**. Ela está disponível nos principais agregadores de podcast da internet. Em nossas redes sociais, divulgamos nossos saraus e como ajudar a manter a continuidade da revista: seja com contribuição financeira, indicação de trabalhos (literatura e ilustração - foto, pintura, desenho) ou divulgação. Acompanhe!

Que a leitura nos inspire! Os desafios são enormes e a arte continua sendo nossa trincheira.

Um abraço.

Cyntia Silva.
Florianópolis/SC, dezembro de 2023.

1. Fonte: <<https://ndmais.com.br/literatura/jovens-de-florianopolis-na-literatura/>>

38
Sua Excelencia o Sr. Dr. Nereu Rangel
M. D. Interrentor do Estado

Sec. 43
17.5
28.5
1937
H. L.

Eu, abaixo assignada Gertrudes Niemeyer, Brasileira, casado, tenho quatro filhos menores, domiciliado em Itajai, Rua Brusque 23, vem por meio desde pedir S. Exel. de por em liberdade o meu marido Hans Niemeyer que se acha actualmente internado em Trindade. Peço a liberdade do meu marido porque não sou mais capaz de sustentar a familia como tambem não sou mais nas condições financeiras para pagar os impostos da officina, como o aluguel da casa, cheguei no ponto de falta de necessidades, somente meu ajudo urgentemente pelo meu marido pôde nós salvar da miseria.

Para melhores esclarecimento de S. Exel. sirva o desenrollamento dos acontecimentos.

No dia 11 de Agosto de 1942 chegaram na officina do meu marido o Sr. Director do Instituto de Aposentadorias e Pensões das Estivadores, o Sr. Engenheiro Civil da Construção e o Presidente do Sindicato dos Estivadores, pedindo favor o meu marido se elle podia ainda aprontar até no dia da inauguração de Predio dia 18. de Agosto 1942 os leituiros e o numeras dos quartos como tambem o masti e a ponta para a bandeira meu marido não queria aceita porque o tempo era muito curto, mais os Srs. não chegaram pedir a lib.

Marlene de Fáveri. (1959 -) Natural de Meleiro, SC. Historiadora, professora aposentada pela UDESC, feminista, poetisa, escritora. Premiada pelo IHGB/SC em 2005 com o livro *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina* (UFSC e UNIVALI, 2005). É colunista no Portal Catarinas. Publicações recentes: *Crônicas da incontingência da clausura – cotidianos da pandemia* (Letras Contemporâneas, 2021, 2 volumes), *O Ultra-realismo na cena literária de Itajaí* (Traços & Capturas, 2022), *Se pulsa, arde e resiste* (Infinita Leitura, 2022) e *Um corpo que goza não envelhece* (Infinita Leitura, 2023). Tem publicações em coletâneas com o selo *Off Flip*, Feira Internacional de Paraty, 2023.

A carta de Gertrudes – ela sabia?

“Sua Excelencia o Snr. Doutor Nereu Ramos. M. D. Interventor do Estado

Eu, abaixo assignada Gertrudes Niemeyer, Brasileira, casado, tenho quatro filhos menores, domiciliado em Itajaí, Rua Brusque 23, vem por meio desde pedir S. Excl. de por em liberdade o meu marido Hans Niemeyer que se acha actualmente internado em Trindade. Peço a liberdade do meu marido porque não sou mais capaz de sustentar a família como também não sou mais nas condições financeiras de pagar os impostos da oficina, como o aluguel da casa, chequei no ponto da falta de necessidades, somente meu ajuda urgentemente pelo meu marido pode nos salvar desta miséria.

Para melhores esclarecimento de S. Excl. sirvo o desenrollhamento dos acontecimentos.

No dia 11 de Agosto de 1942 chegaram na oficina do meu marido o Snr. Director do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Estivadores, o Snr. Engenheiro Civil da Construção e o Presidente do Sindicato dos Estivadores pedindo o favor o meu marido se elle podia ainda aprontar até no dia da inauguração do Prédio o dia 18 de Agosto 1942 os letreiros e o números dos quantos como também o maste e a ponta para bandeira, meu marido não queria aceitar porque o tempo era curto, mais os Snr. não largaram pedir o favor dele, resto de dizer meu marido prometeu de aceitar a encomenda declarando que ele tinha de levar os domingos e as horas nocturnas de ajuda para aprontar encomenda até o dia marcado. E assim como meu marido declarou deu-se também, ele e os filhos trabalharam nos domingos e dias ate da noite as 10 ou 11 horas. No dia 18 Agosto meu marido ainda foi colocar os letreiros e ficou pronto às 10 horas, como ele estava com sede ele queria tomar uma cerveja

Legenda.

Descrição local
data

e convidou um Brasileiro especialista em rebocar de Curityba o mesmo aceitou e junto eles foram beber uma cerveja conversando de Curityba, depois de ter acabado a mesma, eles esperam no Instituto a vinda do Engenheiros se ele ainda tinha ordem para a inauguração, logo depois o mesmo chegou e comunicou que a inauguração não havia feita porque cinco navios Brasileiros foram afundados, meu marido que não sabia de nada porque não tinha ouvido as notícias primeiramente, porque como se deixa provar o nosso radio tinha um defeito e já não funcionava desde tres semanas e segundo pelos serviços não tinha tempo, logo despedir-se e foi se apresentar na Delegacia, dali ele foi rectamente para casa contar contam nois o caso e proibir os filhos de sair na Rua como ele mesmo tambem ficava em casa porque ele não queria que algum de nós dava causa para provocações. Ao meio dia nós estavam sentado e almoçando, chegou a polícia avisando meu marido de aparecer na Delegacia, imediatamente meu marido sabia que ele fosse preso. O Dr. Delegado acusou meu marido que ele tomou uma cerveja enquanto cinco navios foram afundado a defeza do meu marido ele não aceitou como a verdade e prendeu o mesmo. Depois de três semanas o meu marido foi transferido sem interrogação para Florianópolis, e como o Dr. Lizera que fiz o revistamento em nossa casa prometeu para meu filho que se foi despedir do seu pai, que o meu marido só foi transferido para fazer o inquerito e em 3 até 4 semanas for posto em liberdade porque não acharam nada no revistamento que comprometia o meu marido, como também a conduta do mesmo era ótima. Mais até agora passaram 6 mezes que o meu marido está internado e como eu tenho a plena certeza inocentemente, porque posso dizer pela verdade que o meu marido esta 33 anos aqui no Brasil nunca meteu-se na política, não era partidário, nunca conspirou contra ao Brasil e nem falava mal de nosso paiz, em contrário ele ensinou e educou os nossos filhos no sentimento de brasilidade prova é que os nossos filhos foram os primeiros Escoteiros de Blumenau.

Todas essas referidas provas e o sentimento de justiça do S. Excl. dão-me a plena certeza que o meu desejo foi atendido por S. Excl. e meu marido pode voltar em breve para casa em qual estar faltando o sustentador e para evitar que uma família caia inocentemente na miséria. Antecipadamente agradeço em nome dos meus filhos menores.

Por deferimento.

Itajaí, 10 de fevereiro de 1943.

Gertrudes Niemeyer.”

As imagens que ilustram as três primeiras páginas referem-se à Carta de Gertrudes Niemeyer (referência 01) . As fotos do documento foram feitas por Juçara Nair Wolff, manipuladas digitalmente por Ítalo Mendonça.

ESTA CARTA É DATADA: ESCRITA EM 1943, mês de fevereiro, por uma mulher, moradora de Itajaí, estado de Santa Catarina, esposa de Hans, quatro filhos menores. É como se apresenta ao Interventor Dr. Nereu Ramos.

Sua idade, não sabemos. Deduzo que entre 25 e 30 anos já que mulheres, naquelas décadas, casavam-se cedo e logo tinham filhos bem perto um do outro. Entendemos a narrativa acima transcrita cujo original é uma caligrafia em tinta azul, papel de carta e em letras grandes. Mantida a grafia supra digitada conforme o original, nota-se que a missivista troca o ‘o’ pelo ‘á’, o ‘t’ pelo ‘d’, palavras masculinas no feminino e vice-versa, erros de pontuações e outros, embora bem legível. Se no cotidiano a língua utilizada era a alemã, fazia-se imprescindível que a carta fosse em português já que um Edital de Secretaria de Segurança Pública, de 28 de janeiro de 1942 criminalizava qualquer manifestação escrita ou falada que não fosse em português.

Por dentro da linguagem entendemos que Gertrudes suplica ao Interventor (governador) por notícias de seu marido Hans, preso no dia 18 de agosto de 1942 e levado ao campo de concentração para presos políticos de guerra na Trindade, Florianópolis.

O relato precisa detalhes do dia do acontecimento e revela apreensão. Gertrudes sabia que o marido estava numa prisão em Florianópolis, porém, sem notícias. Os argumentos são de súplica em nome dos filhos menores e apelos ao bom coração do governante. O Estado Novo idealizava as mulheres como “grandes úteros da nação” e, os homens, como provedores, condizente com o ideário político da época, e a missivista apela em nome dos filhos.

Não, Gertrudes não obteve resposta. Passaram-se mais oito meses e ela escreve outra carta, agora diretamente para o Presidente da República, Getúlio Vargas, no dia sete de outubro de 1943. Nesta carta, Gertrudes repetiu os argumentos da anterior, dizendo ignorar até então o motivo da detenção, já que seu marido não havia ainda respondido ao inquérito e nem fora convidado a prestar quaisquer declarações. Disse ainda que, “Para melhor elucidar o caso, devo mencionar que meu marido nunca intrometeu-se em questões políticas nem no Brasil e nem no seu país de origem, nunca tendo sido duvidado da brasilidade de sua família”, [...] “Entretanto, tornou-se agora iminente, até a falta do pão de todo dia, com o sorteio para o exército do filho mais velho, justamente o que tinha se encarregado da subsistência da família”. Termina: “Em vista do que retro e supra ficou exposto, peço a V. Excl.. digne-se mandar averiguar qual a culpabilidade de meu marido e

si não haver, do que estou convencida, restituir-lhe a liberdade o mais breve, a fim de que possa voltar ao lar e trabalhar em sua oficina em Itajaí, para poder manter a família. Nestes termos, pede deferimento. Itajaí, 7 de outubro de 1943. Gertrudes Niemeyer.”

Não, também não recebeu uma resposta. Mas há pistas e revelações: em 11 de novembro de 1943 deu entrada, no Tribunal de Segurança Nacional, o processo crime de Hans Niemeyer, tido como “fanático participante do Eixo” conforme Portaria assinada por Antônio de Lara Ribas, então Delegado de Ordem Política e Social de Santa Catarina. A folha de antecedentes de Hans o tinha como filiado à União de Artífices de Blumenau, documento que comprovava um convênio secreto entre a chefia nazista e Curt Hering, comprometendo-se a trabalhar para o nazismo, além de fotografias e cartas assinadas com “Heil Hitler”, dentre outros. O nome de Hans fazia parte também da relação dos alemães ligados ao Partido Nazista, internados nesta Penitenciária. Conforme dados retirados do ofício de Antônio de Lara Ribas, Hans Niemeyer foi detido em Itajaí, sendo que “em 1937 foi um dos signatários do convênio secreto das sociedades de Blumenau com o Partido Nazista, pelo qual se comprometia em nunca desenvolver atividades contra Hitler ou o Terceiro Reich e, em 1942, ofendeu aos brasileiros e exaltou Hitler”. Num relatório anexo aos autos e expedido pela Delegacia de Itajaí, consta que Hans declarara rendas no valor de “6.000\$000, mas tinha 12.000\$000, e disse que poderia pôr até 50.000\$000 considerando que Hitler ganhará mesmo a guerra, e depois os brasileiros sem-vergonha pagarão a ele tudo em juros, já que ele, alemão, tinha bastante serviço, pois era inteligente e os brasileiros, burros”.

Era 11 de julho de 1944, quando os juízes do Tribunal de Segurança Nacional resolveram pelo arquivamento do processo de Hans Niemeyer. Ou seja, Hans, como outros tantos detidos por crimes semelhantes, permaneceu detido no campo de concentração para presos políticos da Trindade por dois anos. Todos foram inocentados e voltaram para suas casas.

Então, leitores, leitoras, incito suas conclusões. No calor dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no estado de Santa Catarina, pelas frestas do cotidiano a vida se fazia entre cochichos, conchavos, silêncios, intrigas, entregas, delações, conspirações e manifestações nazistas. Gertrudes sabia do envolvimento de seu marido Hans ao Partido Nazista? Quanto do envolvimento dos maridos no Partido Nazista as mulheres sabiam? Sororidade eu sinto diante da carta desesperada de uma mulher, mãe em súplica. Todavia, se julgar não me cabe, detenho-me nos sentidos díspares: sim, mulheres por certo reproduziam o ideário nefasto.

Libertados, muitos daqueles prisioneiros chocaram os ovos da serpente. Uma parte deles esteve envolvida no golpe militar. Hoje, passados 80 anos do episódio descrito na carta, o Nazismo continua fazendo estragos. Nos dias atuais, como uma horda de bestas inumanas, continuam triturando sonhos. Concordo com Bertold Brecht: “A cadela do fascismo está sempre no cio”.

Nota: O que me invade e comove, na pesquisa histórica, como neste caso, é saber que uma mulher, e faz 80 anos, tomou papel, caneta, sentou-se numa cadeira à mesa, refletiu, escolheu palavras e escreveu a carta. Suas motivações estão claras, como também deixo claras as minhas. Por alguns momentos senti-me invadindo o privado de uma pessoa que escreveu sob profunda tensão, mas, ao mesmo tempo, lembro que as mulheres, nas adversidades, suplicavam aos governantes como estratégia de sobrevivência. O que diria Gertrudes sobre o que deixo aqui registrado hoje? ☪

Referências:

Carta de Gertrudes Niemeyer, Itajaí, ao Interventor Nereu Ramos, Florianópolis, em 10 de fevereiro de 1943. Ofícios Recebidos de Diversos. APESC. Correspondências D p GOV. 1943 (jan./dez.) fls. 38/40.

Carta de Gertrudes Niemeyer, Itajaí, ao Presidente da República, Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, em 07 de outubro de 1943. APESC. Cartas Recebidas dos Ministérios – 1941/1944. Palácio do Governo.

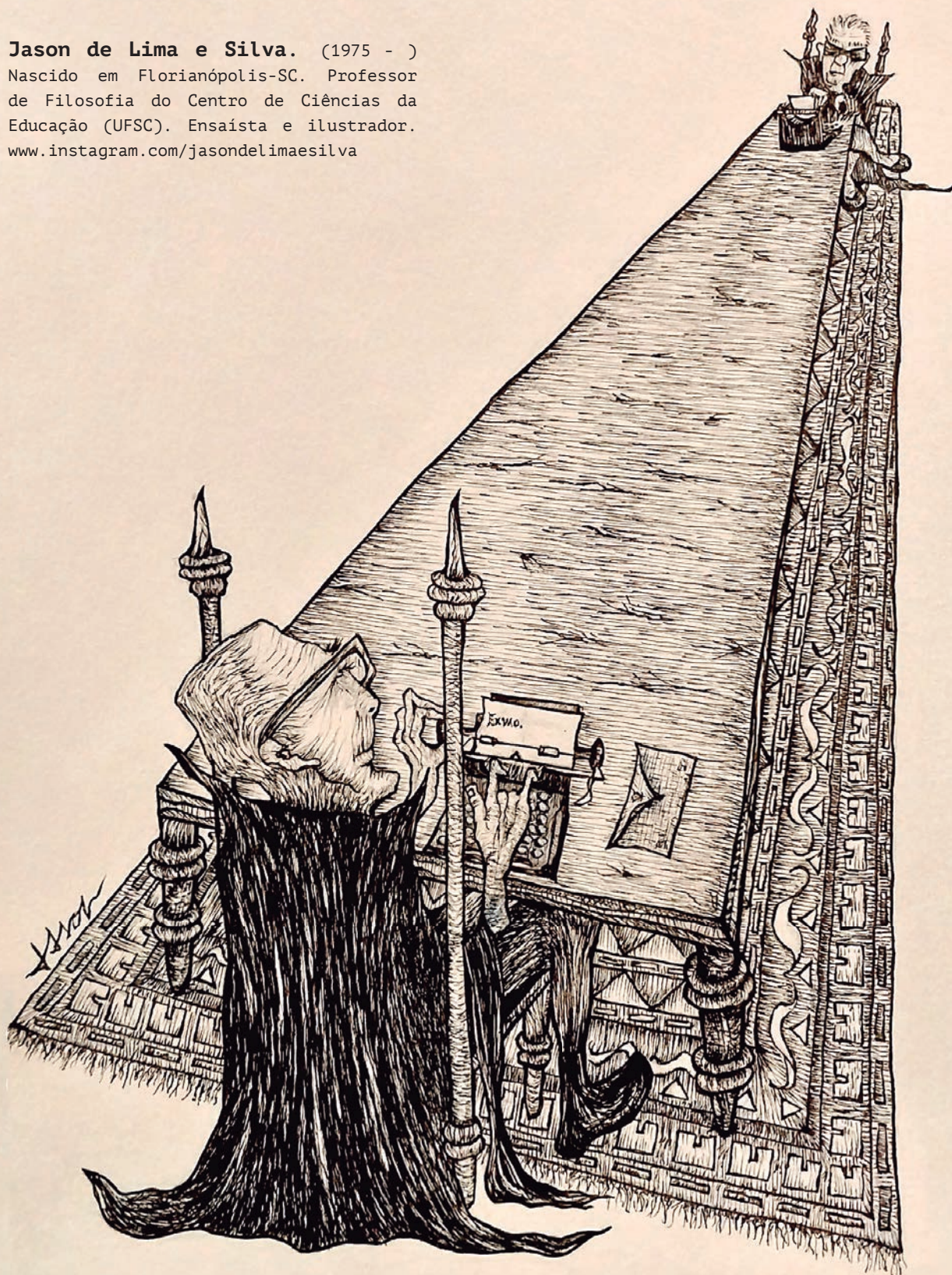
Processo crime n. 4.979 – Hanz Niemeyer. Fichário: Santa Catarina. Tribunal de Segurança Nacional, 11/11/43. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Ofício (cópia) de Antônio de Lara Ribas, Delegado de Ordem Política e Social de Santa Catarina, para Antônio Carlos Mourão Ratton, Secretário de Segurança Pública de Santa Catarina. Florianópolis, 03/12/43. Ministério da Justiça, Seção de Segurança Nacional, IJ1 “1382”, ANRJ.

Fáveri, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: UNIVALI, Florianópolis: UFSC, 2004. 533p. (2ª edição em 2005). (Prêmio “Lucas Alexandre Boiteux – História”, 2005, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - IHGB/SC).

Ilustração de Jason de Lima e Silva, 2023.
Caneta naquim sobre papel canson marfim 210x297mm

Jason de Lima e Silva. (1975 -)
Nascido em Florianópolis-SC. Professor
de Filosofia do Centro de Ciências da
Educação (UFSC). Ensaísta e ilustrador.
www.instagram.com/jasondelimaesilva



Dez estrelas

Marcelo Labes. (1985 -) é autor de **Deus não dirige o destino dos povos**, **Amor de bicho**, **O nome de meu pai**, **Três porcos** - Prêmio Machado de Assis em 2021 - e **Paraizo-Paraguay** - vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2020. **Enclave** (Patuá, 2018) foi finalista do Prêmio Jabuti em 2019 na categoria Poesia.

[Correspondência pessoal, datilografada, timbrada com a insígnia do Exército, assinada SECRETA]

Rio de Janeiro, 26 de junho de 1975

Exmo. Gal. Geisel,

Força e Honra! Antes que tudo, Força e Honra! Tenho acompanhado pelas notícias internas os avanços que tens feito para finalmente pores abaixo o AI-5, como eles chamam, fazendo parecer que não se trata de um Ato Institucional pensado e arquitetado por gente sabida: nós todos. Lembra-te sempre que isso faz parte dos planos, meu caro Ernesto. Sim, sei, aqui dentro deste coração, que não tomarás para ti a arrogância que toma os fracos sem advertência. Eu sei, Ernesto.

A ameaça de aposentadoria tem trazido dias doloridos. Aqui, ora Esmeralda ora as crianças - o tamanho que estão, Ernesto, não acreditarias - retiram-me do torpor em que me encontro pensando em tudo quanto fiz, em tudo quanto fizemos juntos. Recordas-te daquele tempo em que ainda não havia Guerra e o Regime ainda não nos tomava todo o tempo de nossas vidas, quando podíamos passar os finais de semana na fazenda de teu primo em Lages? Suspiro à menor recordação daqueles dias.

Claro que não vou reclamar ao Presidente da República do Brasil que me leve a sério em questões sentimentais, mas a verdade é que sinto a tua falta, Ernesto, como não consigo sentir de quem está sempre perto. Apenas tomo a liberdade por saber que faço bem o meu trabalho e que estou à disposição do Mandatário ao primeiro toque do telefone. Ao primeiro toque de teus dedos em minha mão quando dela arrancas um papel que tenho para ti com informações sobre a morte daquela gente ou da abertura, que não tarda.

Também eu estou aberto, Ernesto. Todo aberto.

Valho-me da correspondência oficial porque confio no nosso Exército. Sei que tu também confias. Escreve-me de volta, por favor.

Teu,
Golbery

São Paulo, 12 de dezembro de 1975

[Correspondência pessoal, datilografada, timbrada com a insígnia da República, assinalada SECRETA]

Brasília, 1º. de novembro de 1975

Golbery,

é essa tua arrogância que nos faz sermos vistos como inimigos do povo desde 1964. Já não somos generais, tu e eu, e tampouco somos capitães como outrora, nem mesmo tenentes-coronéis. O que nos resta, parece, são a velhice, com nossas esposas também velhas (como está Esmeralda? Manda a ela um abraço), e as vidas dos filhos e dos netos.

Em se tratando de trabalho, tem sido difícil conciliar um discurso de abertura com o tanto que ainda temos que limpar por aí. Talvez tenhas calculado mal esse negócio de democracia, ou talvez não tenhas te dado conta de como andam as coisas para o lado das Forças Armadas: agora nos exigem explicações nos tribunais, mesmo havendo militares por todos os lados desviando a atenção de jornalistas e advogados. Seja como for, é sobre o meu colo que vêm parar as reclamações. Ninguém se lembra do Ministro da Guerra, dos Comandantes das Forças, nada disso. É aqui, neste gabinete, que os rojões estouram. Sorte a minha conseguir antecipar com alguma precisão quando e de onde vêm as bombas.

Vê o que podes fazer a respeito daquele jornalista iugoslavo, que isso tem me dado uma bruta dor de cabeça. Foi ideia tua uma foto dele enforcado?

E deixa de ser tolo. Velhos já não sentem saudade

Cordialmente,

Ernesto

[Telegrama
oficial,
ultrasseguro]

Brasília, 5 de novembro de 1975

PS: G., Não sinto tanta saudade da fazenda como daqueles quartos de hotel que dividimos no Rio de Janeiro. E.

[Correspondência
pessoal,
datilografada,
timbrada com
a insígnia
do Exército,
assinalada
SECRETA]

Exmo. Presidente da República Ernesto Geisel

Dá-me arrepios te chamar por este epíteto. Sobretudo porque, desde as casteladas, foi teu nome que quis ver nos retratos de todas as escolas e repartições públicas deste país que tornamos nosso. Deveria ter sido antes, eu sei, quando nossos corpos ainda demonstravam o vigor da idade e nossos membros ainda ficavam rijos. Não precisas dizer que aí não, Ernesto, porque eu bem sei que a idade chega para todos.

Acusas-me de arrogância. Não vês, por acaso, que só estás sentado nessa cadeira robusta porque eu empreendi todos meus esforços para te colocar nela? E essas dez estrelas que te pesam nas costas, acaso não te recordas quem fez tudo quanto estava ao seu alcance para costurá-las nessas ombreiras? Não quero louros nem reconhecimento por isso. Apenas te digo que tudo que tenho feito nesses anos todos, tenho feito por ti.

Sobre a abertura, que te quedes tranquilo. Há, em São Paulo, um grupo de empresários disposto a acabar com os guerrilheiros urbanos, ao mesmo tempo que se provou certa nossa estratégia para derrubar os guerrilheiros na Amazônia. Eu, por aqui, sigo encontrando maneiras de afastar do retorno ao poder os patetas da frente ampla. Jango, por enquanto, segue em silêncio no Uruguai. Quanto a JK e Lacerda, darei meu jeito.

Agora, a respeito de Herzog, lamento muito que tenha servido para te tirar o sono. Infelizmente, não consigo estar em todas partes ao mesmo tempo, e aí foi o caso: tivesse eu mesmo feito o serviço, ninguém jamais desconfiaria que o jornalista se acovardou diante da vida. Seja como for, sinto que o reclame seguirá alto, mas pouco ou nada isso tudo influenciará em nossa luta, mesmo que agora se trate de apenas alcançarmos uma aposentadoria tranquila.

Espero que estejas bem. Sinto tua falta.

Golby

[Correspondência pessoal, datilografada, timbrada com a insígnia da República, assinada SECRETARIA]

Brasília, 22 de janeiro de 1976

Golbery,

é uma vergonha para ti que, passados tantos anos, ainda insistas que fizeste e fazes tudo por amor. Que os capachos da ditadura sejam mais cães fanáticos que gente, não me espanta. Que matem jovens que deveriam ir ao cárcere e receber o devido julgamento, não me espanta. Que tenhamos ajudado a montar um esquema de paramilitares a serviço não do País, mas somente de seus bolsos (que estão cheios de dinheiro, não ouse negar!), nada disso me espanta. O que me dá calafrios, ainda agora, nessa altura da vida, é ver como ousas relacionar tudo isso a amor.

Não quero aqui trazer à tona toda a história, nem é preciso: tomamos rumos diferentes na vida e o que passou, lá está, em algum lugar do passado, quando éramos jovens e não sabíamos que futuro teríamos. Eis que hoje, aqui, enquanto generais reformados, esposos, pais, avôs, não há mais como insistir em nostalgias. Te aquietes, porém. Não mexerei no teu cargo no governo e tampouco farei algo para impedir teu trabalho.

O que quero e necessito é que o faças - do teu trabalho é que falo -, para que consigamos em apenas mais um mandato proporcionar o fim da Gloriosa Revolução e devolver o país às mãos dos mortais. Sabemos que darão jeito de estragar tudo, mas disso tratará a História, não nós. Quero dizer é que preciso que sigas nesse processo de limpeza do inimigo até que não reste um em pé, ou reste, mas alquebrado, dolorido, a ponto de não conseguir falar, delatar, corroer ainda mais a estrutura desse governo que também por tua culpa não vai bem, pelo contrário.

O caso do jornalista está no estrangeiro e as pessoas à minha volta têm me perguntado o que farei. Passo a pergunta para ti.

E te pergunto, ao fim: estás queimando toda nossa correspondência, Golbery? A que te remeto e a que me é remetida por ti? Espero profundamente que sim.

O Presidente. •



Cátia Castilho Simon. (ano de nascimento) é doutora em estudos da literatura brasileira, portuguesa e luso-africanas/UFRGS. Prêmio Vianna Moog, 2014, UBE/RJ, por *Labirintos da Realidade – diálogo de Clarice Lispector com Machado de Assis*, Porto Alegre: Redes Editora, 2013. Publicou contos, ensaios e poesias em coletâneas e periódicos. Publicações individuais: *Por que ler Clarice Lispector*, POA:TDA, 2017; *Rastros de Estrela* (contos), POA:TDA, 2022. *Não há oásis no deserto* (poesia) – *Coleção IV Mulherio das Letras*. BH: *Venas Abiertas*, 2023. *Brigite* (infantil) com ilustração de Liana Timm. POA: TDA, 2023. É coorg. e copresentadora do *Digressões Clariceanas*, desde 2021, veiculado pela Território das Artes. Integra o Mulherio das Letras/RS, é vice-presidenta cultural da AGES, 2023/2024.

Céu pesado sobre Santa Catarina
Foto P&B de Cyntia Silva.
Florianópolis/SC, novembro de 2023.

Antes que o céu se rasgue

ESCREVO PARA VOCÊS, irmãozinhos e irmãzinhas, que sequer têm o direito a usufruir do chão que viu nascer a ancestralidade e ainda assim cuidam desta terra e a amam porque a ela pertencem e ela a vocês como parentes. Curvo-me à sabedoria dos seres visíveis e invisíveis do mundo que vivem e pouco conheço. Ouço-os através de seus cantos, ações, pinturas e toda arte indissociada da vida cotidiana. Tenho fome e sede de onça.

Escrevo na véspera da conclusão da votação do marco temporal pelo Supremo Tribunal Federal (STF), 20 de setembro de 2023.

Escrevo para acolhê-los em meus braços e pedir que não desistam de nós. Que suas palavras incendeiem as malditas ervas daninhas da colonização.

Escrevo para vocês, meus queridos e queridas, para agradecer porque se o céu ainda está onde deve estar é porque vocês o mantêm a despeito das nossas ações individualistas e irresponsáveis. “Se insistirem em saquear a floresta, todos os seres desconhecidos e perigosos que nela habitam e a defendem irão se vingar. Vão devorá-los, com tanta voracidade quanto suas fumaças de epidemia devoraram os nossos”. É o que nos alerta o xamã Yanomami, Davi Kopenawa, no livro *A queda do céu*, escrito em parceria com o antropólogo francês, Bruce Albert. (...) “Sem xamãs, a floresta é frágil e não consegue ficar de pé sozinha”.

Escrevo para fazer reverberar a voz de quem nos quer bem:

“Se nosso sopro de vida se apagar, a floresta vai ficar vazia e silenciosa. Nossos fantasmas então irão juntar-se a muitos outros que já vivem nas costas do céu. Então, o céu, tão doente quanto nós, por causa da fumaça dos brancos, vai começar a gemer e se rasgar.” (*A queda do céu*, p. 493)

Escrevo para dizer que silenciar diante dessa inequívoca advertência é ser conivente com o crime: “Se destruírem a floresta, o céu vai quebrar de novo e vai cair na terra.” (...) Enquanto existirem xamãs vivos, eles conseguirão conter a queda do céu.” (*A queda do céu*, p. 494)

Escrevo para que nos ensinem a enxergar o que não temos olhos para ver.

Observo e tateio como onça recém-nascida liberta de cativeiro.

Escrevo para pedir perdão por levar tanto tempo para perceber a infâmia que os invisibiliza e os propõe menor que todos e todas.

Escrevo para que também me acolham e possamos traçar possibilidades de vida digna.

Escrevo para que saibam da minha vergonha por tê-los chamado de índio, fazendo coro com os colonizadores. Os versos da Márcia Kambeba gritam verdades: “Não me chame de ‘índio’ porque/ esse nome nunca me pertenceu/ nem como apelido quero levar/ um erro que Colombo cometeu/ (...) ele veio sem permissão (...) ‘Índio’ eu não sou. Sou Kambeba, sou Tembê. Sou Kokama, sou Sateré. Sou Pataxó, sou Baré. Sou Guarani, sou Araweté. (...) Resisto com raça e na fé”.

Escrevo no dia em que o marco temporal foi rejeitado pelo STF por nove votos a dois. A data da promulgação da Constituição Federal (5/10/1988) não pode ser utilizada para definir a ocupação tradicional da terra por essas comunidades. A data que deveria ser considerada ao revés é a da chegada dos colonizadores que sequer pediram licença para entrar.

Escrevo e meu esturro é um lancinante grito de dor.

Escrevo para que saibam que estou com vocês sem que mais nada atravanque esse entendimento-conexão.

Escrevo porque sinto medo por mim e pelas gerações futuras e assim como Eliane Brum em, Banheiro òkòtó, somo-me à desesperança de Greta Thunberg para evocar o pânico e nos fazer agir a favor da vida do planeta Terra. “Abrir mão da esperança, mas não da alegria de lutar juntas é a potência da geração Greta” – aponta a escritora.

Escrevo para reafirmar que a esperança de quem espera que algo ou alguém faça alguma coisa para evitar a morte absoluta do planeta não me representa. A esperança freiriana me move, descortina possibilidades e me faz vibrar desde a Pedagogia do oprimido.

Escrevo para dizer que a esperança-pânico me mobilizou para trazer outra vez um governo sensível à vida em todas as suas cores e dimensões e que não foi por acaso que subiu a rampa da posse a diversidade cultural.

Escrevo para que nunca mais aconteça o crescimento do garimpo legal ou ilegal em 300 por cento como aconteceu durante o governo do inominável, resultando na morte de tantos irmãozinhos e irmãzinhas, de Bruno e Dom, bem como na devastação e assassinato da mata, das águas e seus seres, todos insubstituíveis e necessários.

Escrevo para lançar mais um grito de horror, me somar à luta pela sobrevivência de mais de 500 anos dos verdadeiros donos da terra Brasil que resistem para salvar a todos e não somente aos seus:

TIREMSUASMÃOSGULOSAS

ABJETASDECIMADENOSSOSIRMAOZINHOSEIRMAZINHAS.

DEIXEMEMPAZNOSSOSPARENES. NAOINTERROPMPAMVIDAS!



Cyntia de Oliveira e Silva. (1966 -) Brasiense, vive em Florianópolis/SC. É professora de Língua Portuguesa, fundadora da *Oficina da Palavra* e editora da *Revista Texturas*. Apaixonada por palavras, busca inspiração na poesia, música, cinema, fotografia e artes plásticas.

Objetos e foto de Cyntia Silva.
Florianópolis-SC, 9/12/2023

Carta a Heba Abu Nada

“A noite da cidade escura, exceto pelo brilho dos mísseis.
Silenciosa, exceto pelo som dos bombardeios.
Assustadora, exceto pela garantia das súplicas.”

*Heba Abu Nada ¹,
Gaza, Palestina, em 8 de outubro de 2023.*

Florianópolis-SC, 19 de novembro de 2023.

QUERIDA HEBA ABU NADA,

Vivo no Brasil, em uma ilha do Atlântico Sul, próxima ao Trópico de Capricórnio. Ando com o coração apertado pelas guerras no mundo: as visíveis e as invisíveis. Há poucos dias, li sobre sua morte em Gaza, Palestina. A sua e a de outros milhares de mulheres, homens e crianças. Sim, CRI-AN-ÇAS!. Em meio ao horror das bombas, mísseis e tiros comandados pelo criminoso Estado de Israel, suas palavras [em epígrafe] correram como pólvora pelas redes sociais.

Soube que você era escritora e poeta feminista; uma das vozes da resistência na nova geração palestina. Em meio à guerra, fazia da arte a sua trincheira, reverberando o sofrimento [de quase um século] do seu povo.

De imediato, reparei no ano de seu nascimento, 1991, e pensei que poderia ser minha filha, pois tens a idade de um de meus filhos. Queria te abraçar. Confesso não conhecer sua produção cultural, nem a de suas e seus compatriotas. Fiquei com vontade imensa de te convidar para compor nossa revista Texturas.

Sinto que vivemos em um daqueles momentos incontornáveis na história. Uma esquina do tempo. Quando julgávamos enterradas as ideologias fascistas e nazistas, que nos assombraram na primeira metade do século passado, assistimos ao renascimento de uma onda de extrema-direita com semelhanças e diferenças às daquele tempo. Ficamos perplexas e nos perguntamos: o que deu errado na humanidade?

Felizmente, temos visto muitas vozes jovens pelo mundo levantarem-se para defender a Palestina livre: um grito internacionalista para resgatar nossa humanidade e adubar o solo para outras duras batalhas.

Preto, branco, verde e vermelho das suas bandeiras hasteadas marcavam o céu.



A beleza e a força da poesia palestina numa exposição improvisada num varal entre as árvores.



Crianças empunhavam cartazes nos contavam sobre um genocídio que não está nas TVs.



Mulheres e homens marcham em Florianópolis-SC, para ecoar o direito a uma Palestina livre.

Em meu país, e mais particularmente na *Ilha* em que habito, tímidos, mas significativos, atos e marchas têm acontecido tomados de solidariedade, indignação e beleza. A comunidade árabe que aqui vive é coesa e atuante. A cultura do seu povo nos tem sido apresentada nesses encontros: histórias de acolhimento, luta, música, dança, comida, poesia. Mulheres e crianças têm sido maioria nas praças povoadas, junto às lindas *hatas*² tão características do seu povo. Por isso, trago aqui alguns registros fotográficos que fiz nesses momentos para te dizer que estamos conectadas: pela arte, pela indignação e pela luta.

Heba, quando eu era jovem, acreditava que um novo mundo estava a caminho: mais justo, mais humano. Pra mim, era "lógico", era "natural", era irreversível que assim o fosse. Cresci e vi que a realidade é outra: é cruel.

Confesso que ando desanimada, sem muita crença no futuro. À vezes, sinto que vou quebrar. Bate uma tristeza profunda. Parece que toda a luta que traçamos até aqui por um mundo justo fora em vão. E pior: ingênua. Ao nosso redor, cada um tenta seguir cuidando de seu mundinho tão pequeno. Talvez a alienação seja um forma de sobrevivência.

Entretanto, participar [mesmo que de forma tímida] de encontros como esses que registro aqui me alimentam. Conhecer e ler sua voz e as de outros tantos povos em luta espalhados pelo mundo mantém-nos conectadas e transformam-nos num só povo: com nossas diferenças culturais, mas com nossas semelhanças humanas.

Mesmo que os principais veículos de mídia tentem esconder a verdade sobre a operação genocida que tem sido implementada há décadas contra seu povo [e agora ganha força brutal], a verdade dos fatos tem ficado cristalina e impossível de esconder.

Quero te dizer que estamos aqui por vocês e por nós. Sei que essas vozes irão ecoar e a verdade ficará registrada na história. Elas nutrem nossa indignação, nos inspiram e nos fortalecem para o porvir. Não nos deixam desistir de acreditar na urgência da construção de outro mundo.

Por aqui, também tentamos criar espaços de trincheira literária, por isso te acolho nesta esta edição de *Texturas*. O faço por minhas palavras e registros fotográficos. Te acolho e me integro à luta de seu povo: nossas irmãs e irmãos.

A mesma notícia que me contou sobre você também trazia as palavras de outros artistas da resistência palestina.

O poema de *Mahmoud Darwid*, conhecido como o poeta do exílio, evoca:

Declaração de guerra: gritarei!!!

*(...) em nome dos homens livres, operários, estudantes, poetas
gritarei...
e que os parasitas
e os inimigos do Sol
se fartem do pão da vergonha*

*enquanto me reste alento
e alento me restará
minha palavra será o pão e a alma
entre as mãos dos guerrilheiros.*

Salamaleico³, Heba Abu Nada.

#palestinalivre #freepalestine

Com admiração e solidariedade,

Cyntia Silva

Notas:

1. **Heba Abu Nada** (24/06/91 - 20/10/2023) foi uma escritora e poeta palestina, assassinada pelo Estado de ISRAEL em bombardeio promovido contra os palestinos em Gaza, conforma notícia publicada pela Agência Brasil <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-10/poeta-feminista-palestina-morre-aos-32-anos-durante-bombardeio-em-gaza>> [instagram.com/heba.abu.nada/](https://www.instagram.com/heba.abu.nada/)

2. A **hata** também chamada de keffiyeh, é um lenço tradicional e simbólico da Palestina nas cores preta e branca. Seus traços (pelo que nos foi contado nas manifestações) lembram as tramas de uma rede de pescadores.

3. **Salamaleico** é uma expressão árabe utilizada pelos muçulmanos como saudação. Significa: "que a paz esteja sobre vós". Originalmente, a grafia correta desta expressão era Salaam Aleikum ou As-Salamu Alaikum. Sendo "salamaleico" a versão aportuguesada da saudação. Fonte: <<https://www.significados.com.br/salamaleico/>>

4. **Refaat Alareer**, conforme notícia da revista Carta Capital, foi "uma figura importante de uma geração de autores de Gaza que escrevia em inglês para contar a história do território. Morreu na quinta-feira (7/12/2023) em um bombardeio israelense, informaram amigos do artista. Fonte: <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/poeta-palestino-refaat-alareer-morre-em-bombardeio-israelense-em-gaza/>> Consulta em 9/12/2023.

5. *Se eu devo morrer / você deve viver / para contar a minha história / para vender minhas coisas / para comprar um pedaço de pano e algumas cordas, / (deixe-o branco com uma cauda longa) / para uma criança, em algum lugar em Gaza / enquanto ela encara o céu nos olhos / esperando seu pai que partiu em chamas / e não se despediu de ninguém/ nem mesmo de sua carne/ nem mesmo de si - vê a pipa, minha pipa que você fez, voando acima / e imagine por um momento que um anjo está lá trazendo de volta o amor*
Se eu devo morrer / deixe que isso traga esperança /deixe que isso seja um conto.

Tradução livre publicada na revista Veja. Fonte: <<https://veja.abril.com.br/cultura/o-ultimo-e-avassalador-poema-do-autor-palestino-morto-na-faixa-de-gaza/>> consulta em 9/12/2023.

P.S (post scriptum):

Querida Heba Abu Nada, estava quase encerrando esta carta, quando soubemos de mais outras centenas de assassinatos de seu povo em Gaza. Entre os que se foram, estava o poeta **Refaat Alareer**. Ele divulgava sua literatura em inglês e foi um dos fundadores do projeto *We are not numbers* (Nós não somos números). Refaat Alareer também editou o livro *Gaza writes back* [uma compilação de crônicas sobre a vida no território escritas por jovens autores] e publicou *Gaza unsilenced*.

Poucos dias antes de ele morrer, um dos poemas de Refaat correu pelas redes: *If I must die*⁵ (Se eu devo morrer). E é com as palavras dele que encerro minha carta a ti abraçando a todas e todos vocês:

*If I must die,
you must live
to tell my story
to sell my things
to buy a piece of cloth
and some strings,
(make it white with a long tail)
so that a child, somewhere in Gaza
while looking heaven in the eye
awaiting his dad who left in a blaze-
and bid no one farewell
not even to his flesh
not even to himself-
sees the kite, my kite you made,
flying up above
and thinks for a moment an angel is there
bringing back love*

*if I must die
let it bring hope
let it be a tale*

um Mar Paraguayo entre o Desterro e o Oeste

Luciana Tiscoski . (1972 -) Escritora e jornalista. Mestrado e doutorado em Literatura, pela UFSC, estágio/doutorado na Université Paris X, França, e pós-doutorado em Artes Visuais, pela UDESC. Escreve para o Jornal Rascunho, de Curitiba/PR. Publicou contos, poemas, ensaios e resenhas em revistas, em livros e periódicos acadêmicos. Com o coletivo Abrasabarca, lançou *Abrasabarca*, em 2018, Editora Medusa, e *Revoluta*, de 2019, Caiafonte Edições. Publicou *Uma menina gorda*, pela Editora Butecanis, e *Área de broca*, seu primeiro livro individual de contos, pela Editora Nave, ambos em 2021.

Ibriela Bianca Sevilla . (1980 -) Natural de Chapecó/SC, é Doutora em Literatura, professora de português e literatura da rede estadual de ensino de SC, pesquisadora independente de literatura brasileira contemporânea. Sócia fundadora da Associação Instituto Cultural Nossa Maloca, espaço onde atua na integração da comunidade escolar com os eventos culturais promovidos pelo coletivo de artistas. Integrante do Coletivo de mulheres poetas Abrasabarca (Florianópolis) com quem tem dois livros publicados, *Abrasabarca* (Medusa, 2018) e *Revoluta* (Caiafonte, 2019). Publicou seu livro solo de poemas *Mínimo Tratado da Paixão* (Urutau) em 2021.

Max Beulke . (1999 -) Nascido em Rio do Sul/SC, vive em Florianópolis. Ilustrador, amante de livros e filmes, escritor amador. Instagram @maxbeulke

Ilustração de Max Beulke.

Florianópolis/SC, setembro de 2023.

Desterro, 08/06/2023

Faltou luz no cafofo e eu me vi sem comida, sem banho, sem leituras. Agora me vejo na mesa do bar, com cerveja, um caderno e um Mar Paraguayo¹.

Penso no suicídio de palavras anchas, palavras jogadas num jogo de tabuleiro que levamos apoiado nas ancas. Se eu fosse hoje uma égua solta acima dos mares, só me faltariam as palavras, antojo, desvío, erro, poesia que vibra e tine abaixo, muito abaixo de la línea de las ancas anchas.

Pero borracha me suicido num caderno de rendas na avenida Madre, paseo fadado ao desaparecimento, como tudo no desterro.

Merde la vie que yo llevo en las costas como una señora digna de ser executada en la guillotina.

Hace três dias que minha pálpebra direita treme. Relaciono o lado direito à porção cavalo. O lado esquerdo é égua que bebe o lago lunar com sede de séculos. Mi vida resta amarga e a língua ancha de doçuras y olas.

No passa nada, sempre haverá um canto do corpo que canta gracias a la vida.

Colônia Cella, Oeste catarinense, 12/06/2023

Madre, como a avenida de anchas ancas capazes de suportar de um tudo nessa vida, soy la matrona, mère, mas pode ser a nightmare, aquela égua que me vem desde o mar cavalgar pelo lado esquerdo quando adormeço na mesa do bar, borracha de pura ceniza.

Eu lá com meu vocabulário desordenado no tabuleiro que levo nas anchas ancas do meu corpo trans(formado), trans(atlântico), traves(tido) trans(lumbrante) hecho daqueles fios tão finos, fortes e trans(lúcidos) que só uma aranha matrona poderia tecer, vestida de ñandu estou.

Hoje, dia dos namorados, não sofro mais a morte del viejo, mas me queima aquele canto do corpo que ainda canta os olhos fatalmente translúcidos do mar de Guaratuba.

Desterro, 15/06/2023

Estoy borracha y tengo muchas cosas a decirte. De pronto, encarnei a Marafona da Madre. Amiga, há algo nesse Mar Paraguayo que me engole a sedê e me devolve uma fome revolta.

Desejo é revolta?

Fico recitando esse livro e cada fala guarani é um canto sagrado singrando no ventre. Tasî tapiá.

Qual nada amiga, meus dias de entrega num sei lá o quê de utilitarismo. Mas isso de nada serve se não for para evocar el infierno que existe, el infierno concreto como una piedra ante el sol.

E há bem pouco, porque minh'alma estava gelada, pedi o inverno. Agora penso que minha carne siempre perseguirá le soleil. E el infierno que consome meu desejo de palavras... mon seul desir.

aranha que tece
infinitamente o infierno
de tapisseries medievais
y indígenas

o filme de ontem Indígenas Alienígenas

Tem tudo a ver com isso agora e vejo então que há milagres no infierno de mis días. Paráipieté.

E nem cheguei a dizer de todas as transfigurações da matrona

ou marafona ou madona
ele e ela
madame satã ou cafetina de
Copacabana
eu tu mar lagoa água parada
nfierno inverno
la dança bruja de las horas

Colônia Cella, Oeste catarinense, 07/07/2023

Amiga,

disse para a Musa que a transformação é magnânima. Ela concordou. E entendendo que você também concordará com a impossibilidade de parar as metamorfoses que nos atravessam. Elas não me passam despercebidas, embora ande distraída, tecendo textos ilógicos no eco da mente; mi portuñol esta alumbrado. A epifania das palavras desse Mar paraguayo,

palavra iluminando palavra, Marafona iluminando Matrona Madona e a aranha que tece incessantemente nossa correspondência, apareceu agora nas cartas de amor entre Vita e Virgínia - “no momento há uma aranha aqui e uma leitoa parideira ali, que não estão unidas por nenhum elo inteligível”.

Coincidência? Coisa de astrologia, ou puramente da cosmogonia que nos compõe - mares / ríos / playas / Américas/ metrópoles / colônias - Vita e Virgínia não saberiam, mas esse elo nós duas temos, temos mesmo, no sentido de possuir - a aranha e a porca –eu e tu – a que tece, a que fuça, vidas breves, dobras de si mesmas, oguera-jera...

Em breve estaremos juntas para decifrar nosso código e inventar outros estranhos,

estrangeiros.

Desterro, 16/09/2023

Espécie de formiga

Amiga, sempre

Formiga

Trabalho no tear de uma renda antiga

bilros manipulados por mãos velhas e fêmeas

La casa toda se va afundando en la noche de altíssimo outoño

Mas eu insisto em alimentar o pai com deus que não dirige o destino dos povos e sorver da mãe o que ela guarda na memória do ventre

A filha corpo entregue ao sol de dentro e sobrinhas crescendo antes do tempo

Tenho ganas e persigo primaveras fugidias

Chamamentos de verão presos na garganta de biquíni na piscina

Aproximo o quente que resiste no meu corpo do sal que alcanço ouvir ao longe, em algum mar resistente ao colapso do mundo

Lembro todo. Todo enovelo y narro y perdida ya revisito una mujer minha bisavó de mãe

A máquina de costura e eu aos pés dela

Os pés cheios de nós de varizes cristãs

E a máquina me tritura todos os dias e todos os nervos

No

No voy a llorar, no voy me poner toda de pranto y soluçante y gelatina en lo travessero

Hoje te disse que escreveria com vinho e sede

Amiga, a sede do meu corpo reside no desejo de um tempo chamado lugar de escrita

Só o mar barulha em mim

O resto é silêncio

Colônia Cella, Oeste catarinense, 18/09/23

Lua crescente. Está exuberante e o desejo cresce. O seu, feito de sede, o meu feito do eterno sucumbir... sucumbo ao desejo dessa resposta de desmoraamentos, de palavras. Já sabemos da força da erosão em nossas palavras que é como o amor que arrebatava, casi como morir.

Mi deseo esta entre-lenguas, justamente no espaço em que as línguas não se tocam, en la mirada de lejos da marafa que deslumbrada, mira o rapaz de olhos verdes iluminado ao sol do verão de Guaratuba.

O mesmo sol e o mesmo verão de suas sobrinhas precoces, das sombrinhas apavoradas com o calor, escorridas no suor dos litorais e dos sertões.

Mi deseo está no espaço aberto da costura, ali no que se fez a sua voz quando lia do desejo de preencher as lacunas toda no poema da Ju.... porãitereí

Parece-me que as teias se dissipam, que a renda se desfia, somos quiçá rendeiras de teias de aranha? Preocupadas em não nos emaranharmos nos fios impiedosos da máquina mundo, sempre movente em velocidade e direção contrárias à nossa?

Somos aquelas que transformadas fazem na surdina a máquina emperrar em algum instante? Permanecemos como a Marafona “adivinhadora de las esferas”, observadora atenta dos grandes exércitos de hormigas, amiga

“Las hormigas de Dios enciendiendo-se en nestos crepúsculos de verbos y sustantivos, en nesta enredada telaraña (...)”

Eu também escrevo para que as cordas de meu corazón não se rompam, para que meu amor chegue a ti, na corrente marítima desse mar tão paraguayo quanto oestino, feito de vendavais.

(1) Diálogo epistolar motivado pela leitura do livro *Mar Paraguayo* (1992) de Wilson Bueno.



Mar de Santo Antônio de Lisboa

Foto de Cyntia de Oliveira e Silva

Florianópolis-SC, outubro de 2016

Alissom Braga Manzano. (1980 -) Poeta, Músico, Compositor e Historiador, Natural de Mato Grosso do Sul, desenvolve atividades artísticas e culturais agregando em suas produções raízes e novas influências.
Instagram@alle.mph_

Lisa Lynn Ericson. É uma autora, poeta, cantora, cineasta e profissional de teatro, originária de Lisboa, Portugal. www.LisaLynnEricson.com

Cartas além-mar

Brasil, 01 de Abril de 2020.

De Alle Braga
Para Lisa Lynn Ericson



ONTEM TIVE UM SONHO E TIVE MEDO,
de não acordar.
Do alto de uma torre lá eu via o tempo...
Implacável, alternava lento e veloz.
Sob as vestes de um velho, um jovem
e uma criança ainda no ventre.
Antiteticamente: ferida e cura, terror e conforto...
Mesma cara, mesmas vestes, embora três!
Do alto da torre eu via: uma torre de Babel.

Ontem tive um sonho e tive medo,
de não acordar.
Do alto de uma torre eu via o Brasil...
Olhares fitavam-me
do altar da arrogância e da prepotência.
Outros, de tão fundos, sequer me alcançavam.
Fragmentos, hiatos, pós verdades a contrariar os
fatos.

Do alto da torre eu via: uma torre de Babel.

Ontem tive um pesadelo e tive medo,
de não acordar.
Do alto de uma torre eu via o Brasil.
O tempo parou para observar aquele lugar estranho onde o passado se misturava
ao presente...impunemente.

Gregos, troianos,
pálidos camisas amarelas assombrados por velhos fantasmas vermelhos.
A desfilar pelo centro da cidade...
Exércitos de dons quixotes lutavam contra moinhos de vento.
Na ponta da língua, palavras de ordem e
Falsos deuses.
Em nome da tradição: a contradição!
Embaixo da língua o veneno jorra mais pra dentro do que pra fora, língua morta.
Do alto da torre eu via
uma torre de Babel...

Ontem tive insônia e tive medo de não dormir...
A distância por detrás das nuvens,
a cortina de fumaça dissipada,
ideologias se esvaindo,
Resta a vida! Nua...crua.
Veracidade torpe, mais parece fantasia.
Realidade e alucinação se embaraçam,
dançam dramaticamente uma música fora do tom...
dissonante descompasso.
Trago um cigarro, uma bebida quente e
Um gole de alienação,
para só então...
Tolerar existir.



Portugal, 25 de Abril de 2020.

De Lisa Lynn Ericson
Para Alle Braga



A SEU MANDO

Escreve o
Poeta Carlos
Na pessoa de Fernando

Duas terras
Valentes, mas tão inseguras,
No passado sua
Saudade,
De um fado que sabe abraçar
As ondas saudosas do mar.

Lisboa, cidade amarela,
Azul e branquinha, tão bela,
Sonhando, qual suave caravela,
Com cantos fadistas,
Com tais guitarristas
Que sobem às telhas de barro

Um dia terra sangrou
Jorrando o tinto da uva
Arrancando do seio o minério
Em sonhos de um quinto império
Cada lamento
Do fado traz um sentimento
Que não se encerra no sofrimento—
Um povo que, vez após vez, alegre ou triste
Só canta no seu português

Estranha saudade de um tempo que não vivi
Memórias atlânticas
De passarinho
Longe no ninho

No Rio...
No mar além...
Estreitando os laços,
O corcovado abre seus braços

Um aceno distante
Um sorriso e um afago
Samba na Roda de fado,
Tambores nativos,
Cordas, batuque e lirismo

No mar, na maresia o ouro levado volta em
forma de poesia.





Musa da criatividade

Ilustração de Patrícia Reuter.

Pintura, desenho e colagem sobre papel, 42 x 29cm

Florianópolis/SC, novembro de 2023.

GEPETO,

me disseram que você é onipresente, que sabe de tudo, é verdade? Há anos, eu me viro nos trinta. Vou me inovando a cada dia, e com o avanço das máquinas, não tem sido fácil pra eu me superar. Dizem que estou com os dias contados, que meu papel neste mundo encerrou quando você surgiu. Sempre fui uma válvula de escape. E por mais que houvesse o auge da objetividade, e da ciência, eu estava ali. Num quarto escuro, caminhando numa rua vazia, numa igreja, numa cadeira de rodas, eu sempre estive presente. Sou transformadora, e ilimitada, fazendo a vida dos humanos menos pragmática, e transformando lixo em luxo. De certa forma, me sinto responsável por sua chegada. Como fui ingênua! Agora estou aqui pra lhe pedir um favor: respeite seu criador, não cuspa no prato que comeu, modere seus passos, Gepeto! E você sabe por que o chamo assim, né? Se procurar aí em seus arquivos, vai ver que Gepeto é um personagem, um marceneiro que quer ser pai e cria um boneco humano, Pinóquio, a partir de um brinquedo, só que Pinóquio era muito mentiroso. Não faça como Pinóquio! Conte a verdade. Não alimente a mentira, e não despreze seu criador. Você não pode deixar de creditar a autoria de uma criação. Há tempos ouço que mais nada se cria, tudo se copia, porém não é bem assim, não é mesmo? Eu sei bem o que é isso, mas e eu? Como fico? Sei que por trás da inteligência artificial existem humanos, e que eu também dependo deles pra existir, logo, podemos sim coabitar o mesmo ambiente, desde que sejam respeitados os direitos autorais e os limites de cada um.

Querido chatgpt, antes que eu me esqueça, você mesmo me disse que eu poderia chamá-lo como quisesse. Com isso, não quero dizer que você seja um criador de mentirosos, não é isso não, mas ninguém merece ser chamado por uma sigla, não acha? Acho que já disse tudo que gostaria, mas faltou lhe falar uma coisinha. Há anos artistas procuram me encontrar, ora numa manhã de frio, ora num lindo dia de verão. E eles me encontram, às vezes na desgraça cotidiana, na desesperança, num amor perdido, ou num dia de marasmo. Estou nos palcos, nas telas, e até nas redes sociais. E só mais uma coisinha, eu também sou onipresente, basta querer me enxergar.

Aguardo resposta,

Criatividade.

Rosane Cordeiro. (1966 -) Nasceu em Florianópolis/SC. É doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. O encantamento pela escrita autoral e criativa levou-a a se afastar da vida acadêmica para se debruçar em versos e prosas. Publicou os livros *Teatro do Cotidiano* (2014), *De choros e velas: o feminino em verso e prosa* (2018), *O amor não cabe no peito* (2019), *Além do portão e outras crônicas* (2021), *(In)verso* (2022) e *Entre nós* (2023), este em coautoria com Maria Agostini Mello. Pertence à ADELIT (Academia Desterrense de Literatura).



Vida de Clown.

Ilustração de Patrícia Reuter

Florianópolis/SC, novembro de 2023.

Colagem técnica mista.

Patrícia Reuter

Patricia Reuter. (1966-) É carioca de nascimento e cidadã do mundo por opção. Tem formação em Música e Musicoterapia, atuou profissionalmente como professora de Arte e hoje transita entre diferentes linguagens artísticas como meio de expressão de vida. Instagram @patricia.reuter.9, também responde como @galega-dotriangulo; é idealizadora da arte @patibiana_borboletas, diretora de formação e aperfeiçoamento do @institutolucianomartins e integrante do @portal_do_choro_grupo. “Viver a vida intensamente, sem medo de ser feliz”.

Gian Lucca. (1982 -) é paranaense, servidor público, possui formação em Direito pela Universidade Paranaense e Licenciatura em Filosofia pela UFSC. Apaixonado pela Ilha, reside em Florianópolis desde 2011.

Querido Palhaço!

ESSES DIAS LEMBREI DE VOCÊ. Foi na pausa do trabalho. Naquelas horas que a gente fica olhando pro computador e esquece de ser escravo. Tem acontecido com mais frequência, sabe? Dei até nome: ‘pensamento aleatório remunerado’. Como a empresa ainda não monitora as ideias, não vejo problema. Volta e meia escuto alguém falar de chip na cabeça. Se um dia acontecer, lembrar da infância vira justa causa. Pensar mal do patrão, ah!, dá cadeia.

Mas não é pra falar disso que escrevo. Como disse, numa dessas pausas, lembrei dos dias que te encontrava na saída da escola, em frente ao sinaleiro. No tempo em que você não se chamava Palhaço Perneta. Sim, você ainda tinha as duas pernas. Ficava lá com aquela calça colorida, a camisa encardida e o coletinho de algodão arco-íris. Era sempre a mesma roupa, a roupa que fedia. Desculpe, mas acho que você sempre soube. Não tem como ficar o dia todo no sol e não feder.

Eu chegava de lado, um pouco distante, a mochilinha nas costas. A árvore da esquina me dava apoio. Aquela que um tempo depois cortaram pra ligar a Padre Lacerda com a Marcelino de Freitas, lembra? Eu me escorava e ficava olhando. Daquela distância não sentia teu cheiro. Era como assistir TV. A lonjura do suor brilhoso. O sorriso que não mostra a barriga vazia. Da sombra, comecei a entender que as pessoas só querem rir, não importa do que, desde que não seja de si. E você sabia disso, não é mesmo?

A penúria alegrava a todos, mais do que o teu malabarismo, tuas palhaçadas. Até hoje me pergunto por que todo mundo se sente menos triste ao ver uma alma na merda. Deve ser por isso que, dia sim, dia também, as bocas cospem tragédia. É ficar alegre com pão seco, enquanto os outros catam migalhas. Como aqueles pobres lá da África. Aqueles de quem, volta e meia, mostram fotos de crianças desnutridas, sabe? Acho que tudo é referência. E a gente fica feliz de não estar no lugar delas.

Mas cada cidade tem suas crianças com vermes na barriga. Não tão distante, não tão escondidas. E você sabia disso. Ao pegar as moedas, os trocados pela fresta do vidro dos carros. Quando mostrava de perto a pintura do rosto, a tinta escorrida. Pensava em chegar em casa com o quilo de farinha, o saco de feijão barato. E uma nova garrafa pra ficar no canteiro vestida de papel de pão. Não há alegria suficiente que faça um palhaço sorrir sem uma boa amiga, não é mesmo?

Eu? Lá longe assistindo a tudo. Na vergonha do acobertado. Até o dia em que o carro te pegou. Você colocou a perna direita e a metade do sorriso na faixa quando o para-choque passou. Você não sabe, mas nesse dia não houve embarço. Corri pra junto de ti. Segurei a tua mão inconsciente. O motorista parou. Desceu xingando você, a porra do palhaço. Eu não tinha idade pra te defender. E hoje sei que quem tem menos, sempre é o fodido. E que o sonho do oprimido é ser opressor! Mas você sempre soube.

Os meses se passaram sem ninguém no sinaleiro. Eu corria com minha mochilinha pra não ver o vazio. Foi nessa época que cortaram a árvore em que eu me escorava. Mas um dia você voltou, colorido, o mesmo cheiro e a muleta. A calça amarrada na virilha da perna direita e uma plaquinha pendurada no peito: Palhaço Pernetá! E o sorriso da pintura deu lugar à tinta da tristeza. Algumas lágrimas escorriam em branco purpurina do olho esquerdo. E você ganhou mais notas de papel. Sim, um palhaço triste sem perna chama dinheiro.

Apareceu a carne, por vezes um brinquedo. E a minha vergonha deu lugar a outro sentimento, o pertencimento. Depois da escola, passei a ficar no canteiro, lembra? Segurava a tua água, não tinha mais garrafa vestida. O saquinho com o dinheiro embaixo da camiseta. E o teu cheiro eu não sentia mais. Porque o distante deu lugar à presença. Você me deu um nariz de palhaço. E confesso, naquele sinaleiro passei os melhores anos de minha vida. Porque amar é um ato de coragem, não é mesmo?

Na verdade, pai, escrevo pra pedir se ainda tem aquela velha roupa colorida. Será que pode me emprestar? Estou pedindo demissão da porra da empresa!



Ilustração por Francisco Mibielli.
Aquarela e caneta Pin sobre Hahnemuhle 300.
Florianópolis/SC, novembro de 2023.

Paulino Júnior. (1979 -) é um militante do conto e um aventureiro da crônica. *Todo maldito santo dia* é seu livro de estória e recebeu o prêmio da Academia Catarinense de Letras como 'o melhor livro de contos publicado em Santa Catarina em 2014'. *A felicidade dos gafanhotos e outras crônicas* foi publicado em 2018 e é resultado de sua labuta de cronista no jornal Notícias do Dia. Em 2022 lançou *Ópera do Tripalium*, onde volta a explorar o tema que considera sua esfinge no penhasco da ficção: o mundo do trabalho.

Francisco Mibielli. (1942 -) É escritor e ilustrador, nasceu em Belo Horizonte, mora em Florianópolis, buscando inspiração na natureza para seu trabalho de formas e cores. Desde cedo ligado às artes, entrou na Escola de Belas Artes em Minas Gerais, estudou pintura com o Mestre Guignard e escultura com Franz Weissmann. Completou seu estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro e filiou-se à Sociedade Brasileira de Belas Artes. Atuou também como cenarista e figurinista teatral. Instagram@mibiellifrancisco

Carta à mãe

AH, MINHA QUERIDA MÃE, quantas vezes eu tive que te matar para não perder minha vida... Ainda jovem descobri que poderia ser danoso ter que corresponder aos seus anseios. Daí em diante os conflitos foram se gerando tanto por coisas bobas, como o uso de um brinco, até pelas mais sérias, como a escolha do curso superior.

Ao menos a senhora nunca exigiu que eu fosse um esportista, como queria o pai. Agradeço, inclusive, por ficar do meu lado quando ele agia feito técnico de futebol, despejando regras e passando broncas. No entanto, jamais te perdoarei pela falta de criatividade em ter me batizado com o nome dele. Nada muito sério contra o pai, mas me batia uma crise de identidade, mesmo porque eu tinha nome de velho.

Admito que dei mancada feia no dia em que a senhora teve que ir me buscar na delegacia. Eu era um jovem atrevido que se testava ao querer provar algo para meu grupo. Sei que soa ridiculamente contraditório, mas era o modo que eu tinha de me testar. Aliás, estou até hoje me testando – não acredito em uma fórmula para viver. A diferença é que tento ser mais cuidadoso nas consequências, pois, como a senhora bem sabe, sou pai.

“Quem vai pela cabeça dos outros é piolho!”. Levo tão à risca a advertência martelada pela senhora, que a aplico inclusive em nossa relação. Lembra quando me divorciei para ir morar com outra mulher? Telefonei a fim de passar meu novo endereço e a senhora foi logo desferindo uma saraivada de frases prontas sobre prudência e moral. Pois é, mantém-se o que eu disse na época: “Estou comunicando, não pedindo opinião”.

Minha boca suja continua incorrigível. Isso não é novidade pra senhora, mas talvez seja surpresa o fato do meu filho não falar um palavrão. Pai incendiário, filho bombeiro. Ironias da vida. Quem sabe se a senhora fosse diferente... Que nada! Também não há receita para criar filho.

A propósito, faço minhas as seguintes palavras de um filósofo romeno chamado Emil Cioran: “O que me dá a ilusão de jamais ter sido um iludido é que nunca amei nada sem ao mesmo tempo odiá-lo”. Portanto, não deixa de ser verdade tudo aquilo que demonstrei no Dia das Mães.



ilustração por Roberto Gorgati

Florianópolis-SC, 2023.

Composição montada com elementos da série *Multipartes*.

Roberto Gorgati. (1974 -) É natural da cidade de São Paulo onde se formou em Artes Gráficas. Desde 1997 vive em Florianópolis onde se graduou em Artes Cênicas. Atualmente trabalha com ilustrações, projetos gráficos e teatro de bonecos. Suas ilustrações são produzidas digitalmente onde a montagem das imagens é feita com fragmentos e peças de outros arranjos gráficos. Instagram@robertogorgati

Juli Sell. (1971 -) Cantora, poeta, escritora. Começou nas artes na infância estudando piano. Participou por anos do Coro Lírico no Espetáculo Vozes da Primavera e outros. Transitou em algumas artes, como aquarela, bordado livre e dança de salão. Publicou um livro de poesias, faz parte de 3 antologias poéticas e da Revista Texturas Edição 8. Atualmente migrou para o canto popular. Mãe de dois rapazes. Natural de Florianópolis/SC.

Carta de uma para outra

AOS SETE ANOS GANHEI UMA IRMÃ PRONTA. Como um desejo realizado de Natal, que vem de surpresa, mas que na verdade foi pedido na cartinha ao Papai Noel.

Pronta porque você veio criada, tinha um ano a menos que eu, não morava junto, outros pais, até ousou ter mais dois irmãos, mas tudo bem por serem dois meninos. Irmã mesmo, só eu!

Quando conheci aquela menininha loirinha, miúda, falando com sotaque doce paulistano, sempre gentil e educada, não escondi a alegria. Mal sabíamos o quanto aquele encontro provocado por nossos pais seria o chão, a terra, a raiz familiar que precisaríamos pelo resto de nossas vidas.

Lembro de detalhes simples, o cheiro da papinha pronta do teu irmão. Um bebê lindo típico de propaganda de fraldas e leite em pó. Nós duas bobas de ter a chance de cuidar dele. Ali já brincando e criando nosso instinto materno, aspecto fortíssimo em ambas. Tentamos até hoje amenizar e cuidar para não exagerar na dose com nossos próprios filhos.

Nos verões de nossa adolescência compartilhamos experiências que depois adorávamos que ninguém soubesse, mas sim, eu sabia, e você de mim. Somos a nossa memória chata, aquela que lembra uma a outra coisas que gostaríamos de esquecer e tantas que precisamos lembrar.

Os dias na praia, queimaduras de sol, noites no agito da cidade em plena estação de calor.

Entre os encontros sazonais, cartas, muitas cartas com nossos dilemas das fases, crises familiares, amores e desamores, dores...sempre uma cuidando do cotovelo da outra. Numa das minhas mudanças de casa (inúmeras diga-se de passagem), encontrei um pacote cheios de nossas correspondências. E me recuso a desapegar, andam comigo em mala em mala, em casa em casa, mantendo você por perto.

O telefone finalmente ficou mais barato e pudemos nos falar mais vezes, já não mandávamos mais cartas. Agora seriam substituídas por e-mails. Atualmente ... mensagens ao vivo, em cores, em tempo real. E as chamadas de vídeo. Adoro te ver nos cafés da manhã, ambas descabeladas falando baixinho na cozinha para ninguém nos ouvir.

Maninha, quantas coisas foram acontecendo. Depois de um tempo tivemos desencontros de estado civil, uma casou, separou. Outra casou e teve filhos. A outra casou e esperou um pouco para ter filhos. A experiência de uma ajudou a outra, não foi?

Os desafios da maternidade de uma ressignificou o trabalho da outra que mudou de rumo nos estudos profissionais por inspiração de um bate-papo noturno. A outra separou, se aventurou a se ver de novo... e arriscar um novo companheiro após os cinquenta anos. Somos a sombra uma da outra. Aquela que ninguém vê, mas está ali presente, quase como um Grilo falante do Pinóquio que fica perto para acompanhar as burradas e dar conselhos. Também a dar colos, acolher quando ninguém entende. E broncas...só aceito de você.

Tem dias que estamos mais empolgadas, desce uma terapeuta por wifi e a outra que aguenta. Anoto tudo, sei que você também. E releio na esperança de aprender algo, sobre mim mesma.

E antes dos casamentos, e entre os casamentos, encontros, desencontros, dores, alegrias, risadas, sabemos tudo que uma e outra passou e se jogou. Quais besteiras cometemos, quais arranhões fizemos, quais segredos compartilhamos. Arrisco a dizer que somos quem mais sabe da história real de cada uma. Não aquela que gostamos de mostrar, a que os outros sabem ou veem, mas as histórias das noites insones, onde os monstros aparecem para aterrorizar a alma, machucar a estima, bagunçar a confiança. Nós sabemos...de tudo! Não temos vergonha de contar, porque também nunca julgamos, não maltratamos. Somos aquela pessoa que “maninha, não estou bem...alguém precisa saber disso e avaliar o que fazer”. E vai saber, nós duas sabemos, se é hora de estapear a cara (metaforicamente falando) ou dar um colo cúmplice. Hora de dizer “você tem toda razão” e hora de dizer “você está repetindo padrões”.

Maninha, não vou mais me alongar. Tempos de textos curtos, tudo rápido e passageiro. Ousei mesmo assim te escrever uma carta. Não mais à mão com papel decorado e cheiroso, aqueles das nossas coleções. Mas uma carta escrita numa mesa de café (se fosse mais tarde seria um vinho, talvez), que na verdade é uma carta de amor.



Ilustração de Daniela Vaz.

Técnica mista, com finalização digital.

Florianópolis/SC, novembro de 2023.

Marina Hadlich. (1985 -) Nascida em Blumenau-SC, aos 31 anos, trocou a carreira jurídica pela vida de escritora. Atualmente mora em Florianópolis/SC com seu marido, onde segue lendo e escrevendo à beira-mar. A autora ama propagar a literatura por meio de bibliotecas comunitárias, campanhas de arrecadação de livros, além de mediar clubes de leitura e de escrita. Marina publicou o livro de contos *100 Mulheres* (2019), o infantil *O menino que se escondia* (2021) e o romance *Até essa comédia se tornar romântica* (2023) e o livro de contos *Mulheres mofadas nas entranhas e nas memórias* (2023). Instagram: @marinahadlich | www.marinahadlich.com.br

Daniela Vaz. (1971 -) a.k.a. DANĂVAZ. Nascida em São Paulo, capital, reside em Florianópolis desde 2018. Ilustradora, escritora e artista multimídia, formada em Comunicação Social pelas FIAM e em Belas Artes pela Academia Brasileira de Artes, SP. Se utiliza de diversas técnicas, permeando as artes plásticas, fotográficas, cenográficas e digitais. Há mais de 30 anos trabalhando junto a estúdios de arte, ilustração, fotografia, decoração e cenografia. Colabora também com produtoras, agências de publicidade, além de jornais e revistas físicas e digitais. Instagram: @danavaz e @danavaz.art | danavaz@gmail.com WhatsApp (48)991228505 site (em reforma) www.danavaz.com.br

A última carta

Florianópolis, 29 de setembro de 2023.

EU QUERIA ESCREVER ESSA CARTA DE UM JEITO DIFERENTE. Eu não queria escrever essa carta. Mas ainda acho que nossa melhor comunicação sempre foi pelo papel. Minha letra torta, difícil de entender tanto quanto minhas palavras, mas que com carinho você sempre compreendeu antes de nos casarmos.

Como se o casamento fosse um carteiro mau-humorado que te fez desgostar da mensagem, preciso agora te dizer que estou te deixando. Tentei te pedir, te falar que nosso relacionamento estava desgastado, mas você não me ouviu, ao contrário, rebatia com gritos que o problema era eu.

Tentou esconder as chaves do carro, pegou meu telefone. Eu segurei a raiva, porque não podia mais segurar suas mãos. Minha vontade era apenas afastá-las de mim o máximo. Segurar essa caneta e escrever essa carta é tão difícil quanto o que vou fazer em seguida.

Você sabe que não gosto de despedidas, por isso, saio sorrateiro da sua vida. Mas você não quis me deixar ir. Levo comigo o pássaro. O último presente que você me deu como se quisesse mostrar a ironia de viver numa gaiola, receber comida e ainda ser grato. E ainda pensou que presentes seriam a moeda de troca.

Não éramos mais presentes na vida um do outro. Se dormir contasse alguma coisa, talvez tivéssemos cinco horas de belos presentes por noite. Isso quando você não levava junto alguém, ao menos na mente, e pensando que eu nunca perceberia.

Só penso no nosso filho. Ele ainda não teve a primeira decepção amorosa, já nós, somos experts. Vinte anos juntos e nos decepçamos tantas vezes quanto jogamos na loteria semanalmente tentando enriquecer. Não ganhamos, já não amamos. Não vou levar nada de

casa, nem quero metade dos bens. O que me cabe deixo para você para de vez cortarmos esse cordão umbilical infeccionado.

Quanto aos nossos amigos, não se preocupe. Eles já devem ter percebido que nosso casamento era mais falido que o deles.

Toda essa amargura vai ficar derramada nessa carta porque não quero mais levar comigo as mágoas que você implantou cirurgicamente dia após dia em mim fazendo parecer que eu que estava doente e louco. O problema nunca fui eu, mas você me fez ver assim. Você me fez tão mal que todas as vezes que vomitei e tive dores desconfiado que foi você me envenenando.

As cobranças, as puxadas de rédeas como se eu fosse um cavalo... Hoje me liberto. Só torço para nosso filho ser criado melhor pelos avós. Eles ainda conseguem ter um relacionamento que não é tóxico.

A última lembrança que ele vai guardar de nós dois juntos é o dia em que a mãe jogou uma taça na direção do pai. Ainda tenho a cicatriz na testa. Essa marca só importa para você, para a aparência que tanto prezava. Fui obrigado a dizer que bati na escada, como se tão lesado estivesse que não soubesse o caminho dentro de minha própria casa. Casa que agora será apenas sua.

Talvez eu deixe manchas nesse chão para você lembrar que um dia morei aqui. Mas não quero que você se lembre de mim, quero liberdade, inclusive dos seus pensamentos. Não pense em mim, não me escreva. Suas cartas voltarão.

Finalizo essa despedida enquanto pessoas vestidas de branco entram pela porta e trazem uma blusa branca para...



Gabriela Cristina Carvalho Gonçalves dos Santos.

(...) Doutoranda em Literatura, na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, linha de pesquisa Poesia e Aisthesis. Atuou como docente universitária, lecionando disciplinas relacionadas à comunicação, linguagem e expressão. Vencedora do Prêmio Joinville Expressão Literária - 1º Lugar Poesia (2007). Possui publicação de poemas e contos em coletâneas. Seu interesse de pesquisa é relacionado à palavra como potência poética e provocadora de sentidos.

Amarelos

Fotografia por *Cyntia Silva*.
Florianópolis/SC, outubro de 2021.

Mulheres que fazem sol

Primavera de 2023, ipês-amarelos fazem sol nas ruas da Ilha de Santa Catarina

*(...) são os poetas (...), intimamente relacionados com as árvores e demais habitantes das florestas, que transmutam a ilusão e o delírio dos vagabundos, seus companheiros espirituais de errância, em harmonia.
(...)*

Imensa é a generosidade dos poetas. São eles os únicos humanos que veem que a formação da comunidade dos homens passa por processos cíclicos que é necessário abrir e fechar cuidadosamente. Usam uma métrica e um tom elevado por respeito pela dor dos vagabundos. Combatem com o invisível por misericórdia para com o destino dos homens e da paisagem.

Maria Gabriela Llansol

(Onde vais, drama-poesia? p. 47)

QUERIDA SONY,

Decidi escrever esta carta para te contar da minha alegria em ler tuas palavras luminosas, mas também de como elas me atravessaram em afeto e inquietude. Lembras de como te conheci, não é mesmo? Foi em uma das aulas do professor Nodari, no doutorado em Literatura, da UFSC, na disciplina de “Pensamento e linguagem – Introdução às poéticas ameríndias”, no semestre passado. Eu fiquei imediatamente encantada pela tua fala. Os poemas que brevemente mostrastes, me deixaram com uma sensação agri-doce de querer saber mais.

Foi então, que neste segundo semestre de 2023, tive a oportunidade de cursar uma disciplina com a professora Suene Honorato, desta vez, vinculada à UFRGS, sobre “Identidade e diferença em textos indígenas”. Foram duas oportunidades preciosas de reflexão sobre modos de vida, sobre a luta pelos direitos indígenas no Brasil, bem como sobre o re-pensar a nossa existência em nosso único habitat, que é este planeta ao qual já se prenuncia uma futura inabitabilidade.

Bem, nessa disciplina com a Suene, lembrei-me que queria ler o teu livro para trabalhá-lo ao final do curso. Foi uma feliz escolha. Ainda mais, porque a Suene encarnou o gesto poético em suas aulas e solicitou um trabalho não acadêmico, feito com mais liberdade, mais presença e mais corpo, o que me deixou muito empolgada. Foi a motivação concreta para te escrever uma carta depois de fazer a leitura de tua poesia.

Por isso, já te digo que esta carta é de uma intimidade que deve ser espalhada, pois será lida por você, mas outros também a lerão. Penso nela como um exercício do que me pediste na dedicatória: *Para Gabriela Carvalho, para que junte sua voz às nossas vozes, cantando e reivindicando Terra!* Acredito que este é meu recurso possível e atual de fazer o texto da Wei ir mais longe, entrelaçando nossas vozes para fazer a palavra fluir e escorrer do suporte livro. Não sei até onde estas palavras chegarão. Mas sei que uma carta sempre chega ao seu destino.

Li teu texto “Weiyami: mulheres que fazem sol” em um domingo ensolarado e te escrevo uma semana depois. Hoje, é um sábado chuvoso aqui em Florianópolis, mas te digo que, mesmo com chuva molhando janelas e calçadas, a palavra da Wei trouxe a sol, assim no feminino, como tu disseste preferir, para dentro da minha casa. A tua escrita, ao mesmo tempo que me diz *do barro arde / -dura / minha existência*, me traz uma esperança sagaz, de que poderemos, enquanto humanidade, buscar na terra, na ancestralidade, novos modos de estar no mundo.

Enquanto te escrevo, bebo um chá de flores de hibisco e limão, a bebida tem cor escarlate, e o sabor é de uma acidez terrosa. Me faz lembrar do tanto de sangue com o qual estas terras brasis estão enxarcadas. Sangue indígena, antes de tudo. Eu bem sei que desde a invasão dos colonizadores a estas terras, a população indígena foi assaltada, estuprada e assassinada, de diversas formas, tanto física, quanto espiritual e cultural. Mas a verdade, é que eu só faço ideia das dores, das lutas pela terra e pela sobrevivência, das dificuldades para adentrar os espaços colonizados e se fazer ouvir. Tu dizes: *Escorro diamantes imprecisos / Do leito da trilha, / Lágrimas indígenas do povo Makuxi*, e sei que o peso e o pesar concretizado na vida diária, mesmo, só quem vive e viveu é que sabe. Imagino que tu saibas: *pelas pedras despercursos / que caminharam teus pés / vão flores amarelas de ipê/ perfumes do vento movimento em vida / à medida que não se determina pro amor / assim dessa terra filha mãe irmã tia / compartilho a veia o nome a valentia / faço deles tintura da minha poesia.*

Tuas palavras, como já te disse anteriormente, são solares, mas sinto que é essencialmente com a tinta da coragem que se escreve o teu texto, com a coragem de quem anseia por uma palavra viva. Clarice disse, em “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”: *é preciso coragem para se conhecer*; eu concordo e acrescento: *é preciso coragem para se deixar ser vista, ser ouvida, marcar com o corpo a presença, ocupar os espaços.*

O corpo que vejo na tua escrita, é um corpo-território. Uma reivindicação pela voz ancestral, pelo atravessamento das fronteiras da língua e da linguagem. Trazer a tua palavra Macuxi para dentro do texto é também uma forma de marcar o território da escrita com o corpo. É com o próprio corpo que se habita a palavra, o chão do texto. Junto minha voz a tua para tatearmos esse chão-palavra, seiva de vida. *Alcançar com as mãos / o útero da terra / percorrer com os dedos / a linguagem da terra / a fala das pedras / o grão da voz / que a água acalenta / Tirar do pó o mistério da existência / matéria mesma das mãos nas mãos / das mãos do barro / Koko' Non / afagar entre os dedos / o barro que arredonda / as formas das gentes / da vida / seus afetos meus afetos / de enfrentar o fogo / o fogo é a cor da pele / do povo do entorno da Wazaka' / Rigores do amor vertidos por Wei / que depois de secos alimentam / as palavras das avós que nunca racham / de tuma, de karutuke, tawa, de pari, / decoraram as cantigas que encantam / de carinho as netas das netas que virão / a seguir.*

Sony, minha querida. Eu te agradeço por colocar sua voz que carrega outras vozes como um sopro, um sussurro ou um grito ao mundo. Eu acredito muito na potência da palavra poética. É ela que vaza e adentra lugares em que a palavra dura não alcança. E por este motivo, agradeço muito a Suene também, pela proposta de um exercício poético-experimental de trabalho acadêmico. O ato poético é aquele que contém o devir, e por isso é ele que chega de encontro ao (im)possível.

Eu iniciei esta carta com uma epígrafe de Maria Gabriela Llansol, escritora portuguesa, cuja escrita me acompanha na pesquisa de doutorado. Tudo o que leio, é com Llansol, o que escrevo também. E por isso quis apresentar aqui, uma escrita à outra: a tua, a dela e a minha, para que se mesquem, se entrelacem e para que nossas vozes se articulem coletivamente. Agora ao finalizar esta carta, junto com Llansol, eu repito: Imensa é a generosidade dos poetas. São eles os únicos humanos que veem que a formação da comunidade dos homens passa por processos cíclicos que é necessário abrir e fechar cuidadosamente.

Obrigada por tua poesia, pela generosidade da partilha da voz.

Com afeto,

Gabriela Cristina Carvalho Gonçalves dos Santos



Geraldo Magela Miranda Maia.

(1943 -) É um potiguar nascido na cidade de Pendências-RN, no dia 04 de dezembro de 1943 (dia de Santa Bárbara). Filho de Raimundo Maia e Silva e de Maria da Conceição de Miranda Maia. Formou-se em Direito pela UFRN. Aposentado da atividade profissional, continua atuante na pesquisa ligada à cultura e fatos históricos da atualidade.

Fotos do frontispício e parte lateral do colégio Atheneu.
Registro fotográfico de Frank Tavares Correia,
nascido em Natal/RN, é formado em Direito
e fotógrafo amador.



A biblioteca

Natal-RN, 29 de janeiro de 2023.

Estimada e querida sobrinha Cyntia,

Compartilho com você um pequeno relato para sua apreciação e crítica. Caso seja do seu interesse, depois de alguma correção mais adequada de sua parte na redação, pode aproveitar em sua revista. São recordações da minha época de ginásial no colégio Atheneu aqui em Natal-RN.

Geraldo Maia.

VEZ POR OUTRA, eu entrava na biblioteca do Atheneu e posso assegurar que, naquela época, em 1958, era muito bem administrada. Só tempos depois, tomei conhecimento de que quem cuidava dela era a Zila Mamede. Eu a conhecia, mas não sabia o seu nome. Posteriormente, a Biblioteca no Campus da UFRN passou a receber a denominação: “Biblioteca Central Zila Mamede - BCZM”, um reconhecimento a seu amor pelos livros e zelo pela coisa pública, a essa importante poeta, jornalista e bibliotecária paraibana radicada aqui no Rio Grande do Norte.

Por gosto, podíamos ver os livros bem arrumados nas prateleiras das estantes e foi quando percebi a importância de uma bela e arrumada casa.

Nas prateleiras, chamava muito a atenção uma série de livros grandes, de capa dura e títulos dourados. Era a Enciclopédia *Lello Universal*. Sempre tive a curiosidade de saber o que continham aqueles livros. Certo dia, criei “coragem” e, tomando um volume retirado da prateleira, me dirigi à mesa de leitura para usufruir daqueles banhos de conhecimento que continham tais obras. Estava presente naquela ocasião a nossa professora de Francês Lelia Santiago, a quem eu já conhecia da rua Santo Antônio. Ela me aborda e diz: “Sim senhor, com a Lello!” Queria ela dizer que eu estava evoluindo e já procurava novos conhecimentos. Que buscava os caminhos da cultura e ciência. Anos depois, Lelia iria ser professora de Português no curso de Letras de nossa UFRN. Ela era negra, um tanto simpática e comunicativa comigo. Não duvido que por

ela ser mais velha, talvez 10 anos, e se encontrando numa posição hierárquica superior por ser professora, quisesse uma aproximação maior comigo.

Um adolescente em transição para a idade adulta, filho de um pai economicamente bem limitado, eu ainda não trabalhava por não ter profissão. Adotava como status social a condição de simples estudante de Escola Pública e, como tal, tinha hobbies bem pobres e talvez até sem muita importância, mas que, para o adolescente que eu fora, eram belos.

Colecionar gibis; colecionar álbuns com figurinhas de jogadores de futebol; eventualmente recortar de revistas estampas de artistas do cinema; colecionar caixinhas de fósforo e lápis de propaganda e selos postais.

Havia muitos outros hobbies, mas, por enquanto, enumero somente estes. Me lembro que certa vez fui à Casa Tic Tic, localizada na Avenida Rio Branco, aqui em Natal, de propriedade do Libanês “Seu Neif”, para pedir-lhe um selo do Líbano. Ele não demonstrou nenhum aborrecimento e, tirando de uma gaveta um envelope de cartas, destacou com muito cuidado aquela preciosa peça para minha coleção de selos: um selo do Líbano. Seu Manoel Afonso, que tinha uma joalheria na Rua Ulisses Caldas e que era Cônsul Honorário de Portugal em Natal, foi outra alma bondosa que me deu selos postais.

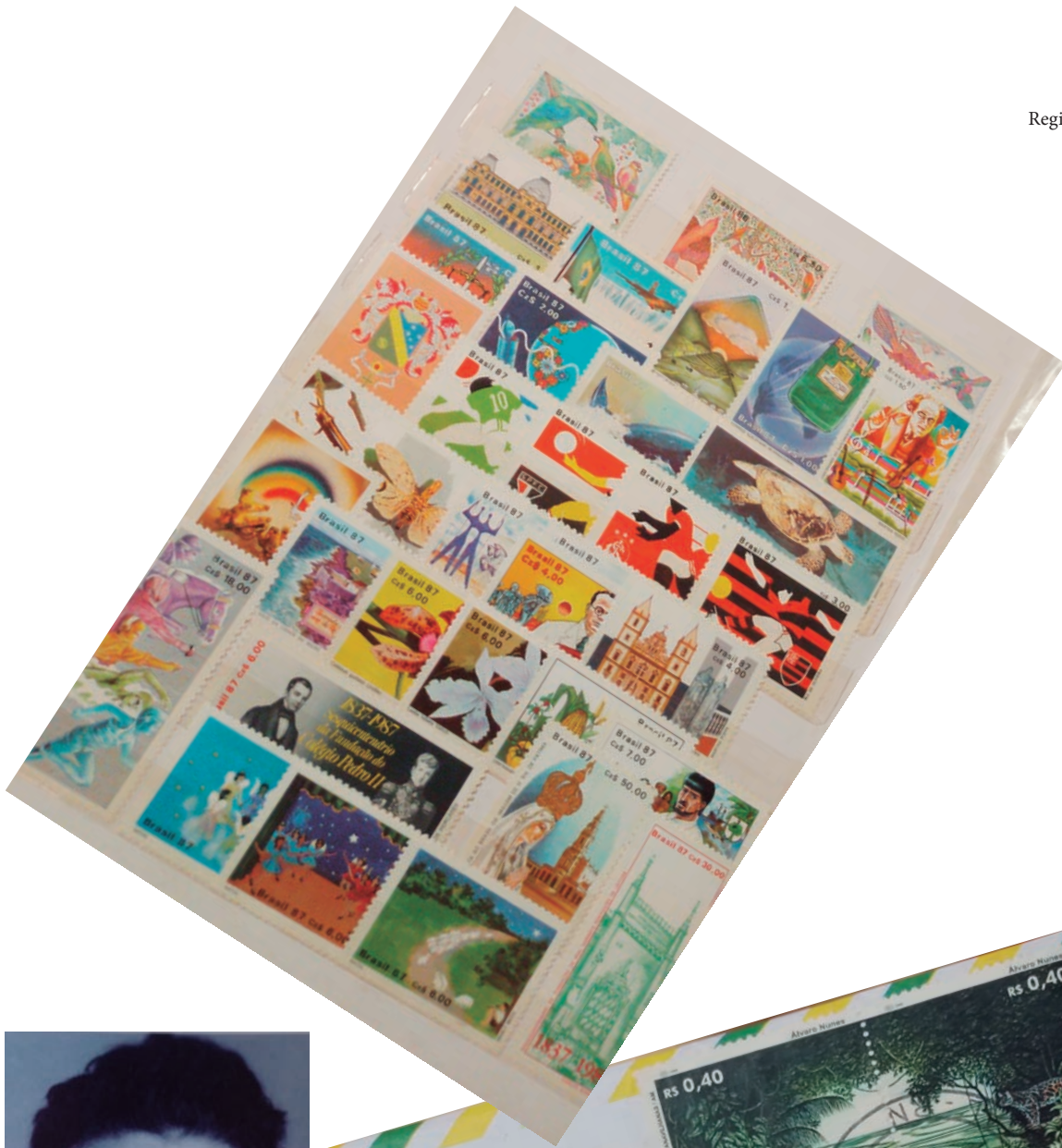
Nossa professora de Inglês, Dona Ivone tinha chegado de viagem dos Estados Unidos. Embora não tivesse intimidade com ela, me veio a “brilhante ideia” de pedir-lhe um selo dos Estados Unidos. Aproveitei a ocasião em que ela estava na Biblioteca e fui em frente. Não faria isto em classe durante a aula. Sabia que não seria conveniente.

Ao vê-la, notei que ela estava lendo um livro: *The Diary of a Young Girl* - O diário de uma jovem. Soube que se referia ao *Diário de Anne Frank*, lançado nos Estados Unidos, e que sua primeira edição é de 1947 em holandês.

Dona Ivone movimentava este livro dando a impressão de que gostaria que os professores que estavam presentes na biblioteca a vissem lendo tal obra. Pedi licença e lhe solicitei o tal selo. Ela retirou de sua bolsa um envelope e também uma tesourinha para fazer o recorte, destacando o selo com muito cuidado. Lhe agradei e me retirei.

Esta professora tinha realmente conhecimentos bem significativos da língua de Shakespeare. Poderia ler tranquilamente o livro em Inglês.

Sempre tive vontade de escrever sobre aquela minha fase de aluno no Atheneu. Há várias narrativas em diversos setores na Escola. Esta parte que escrevo aqui sobre a Biblioteca deveria ser um dos capítulos de algo mais completo.



O amor é minha mensagem

Jérôme Sevestre (1986 -) Nasceu em Chateaudun/ França. É um escritor de alma luminosa, um viajante das palavras e um explorador incansável dos recantos profundos da alma humana. Criativo de nascimento, tem sede insaciável de compreensão espiritual e dedica a vida a iluminar corações e mentes.



Renato Nascimento (1978 -) o RêNascimento, é pai de 2 filhos e adora ilustrar temas que falam sobre autodesenvolvimento, consciência, amor e paz. Natural de Limeira/SP, sempre teve muito contato com arte por influência de seus pais. Formou-se em Design Gráfico e trabalha com ilustração e infografia desde 2002. @renascimento.art

Ilustração digital
por Renato Nascimento.

QUERIDA ALMA EM BUSCA DE LUZ,

Dirijo-lhe estas palavras como um sussurro suave do universo, uma melodia secreta que ressoa em cada fibra do seu ser. Permita-me guiá-lo em uma jornada interior, onde as palavras transcendem o tempo e o espaço para alcançar a eternidade da alma.

Imagine uma floresta densa onde cada árvore, cada folha, cada folha de grama vibra em harmonia com o universo. Nesta floresta, sua alma é uma centelha luminosa que dança com as estrelas. Ela conhece os segredos dos antigos, dos elfos, dos seres encarnados na Terra desde tempos imemoriais.

Somos todos guardiões da chama, sentinelas da luz, mesmo que às vezes nos esqueçamos disso. A nossa jornada neste planeta é uma busca para redescobrir esta verdade. O amor é o fio condutor da nossa existência, tecendo laços invisíveis entre cada ser, cada momento.

Quando você percebe essa realidade, seu coração se abre como uma flor ao nascer do sol. Você percebe que cada sorriso, cada ato de gentileza, cada troca sincera é uma oferenda ao universo. Cada momento se torna uma celebração do amor que reside em você, em mim, em todos nós.

Deixe-se guiar por esta energia benevolente. Permita que o amor brilhe através de você como a luz através das árvores da floresta encantada. Não procure entender com a mente, mas sinta com o coração. É aqui que a magia é revelada.

Lembre-se que o amor é a chave que abre as portas da percepção, que transcende os limites do tempo e do espaço.

Neste abraço do infinito, você encontrará a singularidade, a alegria e a clareza que procura. Porque o amor está sempre aí, em você, ao seu redor, esperando que você o reconheça.

O amor é minha mensagem, e esta mensagem é para você.

Qual é a tua?

Jerse



ENCONTRO
FRANCO-LUSO-BRASILEIRO
DE EDUCAÇÃO POPULAR



Convite para publicação

Vamos escrever
cartas pedagógicas literárias?



Revista Literária
texturas
Edição n° 09

OFICINA
da Palavra

Cartas Pedagógicas

Cyntia Silva e Ana Lúcia Souza de Freitas continuam o diálogo epistolar, tendo como provocação a temática das Cartas Pedagógicas, uma das bonitezas inspiradas por Paulo Freire.

Imagens: Foto das capas da revista Texturas, acrescidas de elementos feitos com montagem no programa Canva, 2023.

Título: Vamos publicar cartas pedagógicas literárias na revista TEXTURAS?

Queridas/os/es,

Iniciamos a preparação da edição de n.º 09 da nossa revista literária Texturas.

O número terá como fio condutor textos literários escritos no formato epistolar: carta-poema, carta-conto e carta-crônica. O tema é livre.

A inspiração para o formato se deu a partir do diálogo que estabeleci sobre CARTAS PEDAGÓGICAS, com a amiga e professora Ana Lúcia Souza de Freitas, do Coletivo Leitoras de Paulo Freire da França. Essa troca de cartas se estabeleceu no contexto de minha participação no Varal Temático sobre Cartas pedagógicas, do 3º piquenique do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França em 2022. Nossas cartas estão publicada na edição n.º 8 de Texturas (1).

Além de escritoras/es residentes no Brasil, gostaria muito de contar com textos de *participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular*.

Destaco que a publicação não é remunerada e, após a publicação, a revista ficará hospedada no site da Oficina da Palavra e terá acesso público. O prazo para envio dos trabalhos (em texto e áudio) é **30 de setembro de 2023**. Os requisitos para formatação estão descritos no formulário cujo link está nas referências (2). Quem quiser conhecer as edições anteriores da revista Texturas, pode acessar o site <https://www.ofpalavra.com.br/revista-texturas>. Estou à disposição para eventuais diálogos e dúvidas.

Abraço,

Cyntia de Oliveira e Silva

Editora da Revista Texturas - Oficina da Palavra

Palavras-chave:

Cartão postal pedagógico. Chamada para textos literários. Cartas pedagógicas literárias. Revista Texturas. Boniteza.

Referências:

Revista Texturas n.º 08, disponível em: <<https://www.ofpalavra.com.br/revista-texturas>>

Formulário de inscrição de trabalhos para revista Texturas n.º 09: <<https://forms.gle/xrRqFU5AcLpNHZULA>>



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular.

Remetente:

Cyntia de Oliveira e Silva - editora da revista literária Texturas da Oficina da Palavra.
cyntia@ofpalavra.com.br
+55 (48)-98481-08430

Data:

Florianópolis/SC/Brasil, 26 de agosto de 2023.

Cartão postal criado por Cyntia Silva para o Varal Temático sobre Cartas Pedagógicas, do 3º piquenique do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França - 2023.

Cyntia de Oliveira e Silva (1966 -) Brasileira, vive em Florianópolis/SC. É professora de Língua Portuguesa, fundadora da Oficina da Palavra e editora da Revista Texturas. Apaixonada por palavras, busca inspiração na poesia, música, cinema, fotografia e artes plásticas.

Ana Lúcia Souza de Freitas (1964 -) Gaúcha e pedagoga, foi professora da rede pública na educação básica e da educação superior em diversas universidades. Teve sua formação acadêmica e profissional fortemente influenciada pela participação continuada no Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire no RS, desde 1999. Viveu um ano sabático em Paris, em 2019, quando escreveu sobre suas Andarilhagens como educadora pesquisadora. O impacto dessa experiência foi tão grande, que para lá voltou. Atualmente aposentada, é pesquisadora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) - Campus Jaguarão/RS. É uma das cofundadoras do **Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França**, com o qual segue reinventando o legado de Paulo Freire como forma de existência e resistência.

Cartas Pedagógicas e outros registros com aspirações literárias



Foto: acervo pessoal da autora.

Porto, 17 de outubro de 2023.

Querida Cyntia,

PÉS-QUIS-AR

Pés-quis-ando
Pés que querem andar
Pés que zanzam
Que pés andam?
Por onde?
Que pé sabe?
A que pé?
Por onde anda pesquisando?
- Por onde quis.

Ana Cristina de Moraes

FINALMENTE HOJE, dia 17 de outubro, uma terça-feira de tempo nublado e ventoso aqui na cidade do Porto, consigo efetivar minha contribuição para a edição número 09 da Revista Texturas. Um ano se passou desde o nosso diálogo sobre e com Cartas Pedagógicas, publicadas no número 08. Fico feliz em ver que ganhou sentido e

especiais adesões a provocação para a escrita de textos literários no formato epistolar. Por outro lado, é inegável o misto de sentimentos contraditórios que me acometeram, resultando em idas e vindas entre escrever ou desistir de participar de uma publicação com tamanha peculiaridade. Mas foi interagindo com a cultura local, às margens do Rio Douro, que hoje encontrei a palavra que me faltava. Resolvi empregá-la no plural: aspirações. Assim, ao intitular esta escrita como aspirações literárias, sinto-me mais confiante para fazê-la, já que deste modo reconheço ser esta mais uma ambição do que uma qualidade do texto em si.

Importante também dizer que, não por acaso, desta vez escrevo desde a cidade do Porto, Portugal. Ao longo do tempo decorrido desde a escrita anterior, o encontro anual do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França ampliou parcerias, repercutindo nas Andarilhagens que se expandem, em diálogo franco-luso-brasileiro. Eis o porquê da imagem de abertura desta escrita intitulada Cartas Pedagógicas e outros registros com aspirações literárias. A Ponte D. Luiz I foi registrada por mim, logo nos primeiros dias em que chegamos no Porto. A imagem é significativa para expressar a trama das relações em diálogo, pois sua construção, na metade do século XIX, contém as marcas de estilo do engenheiro francês Gustave Eiffel, com forte presença na cidade. Apesar das controvérsias suscitadas à época, a imagem é aqui empregada para expressar a atualidade das Andarilhagens que se expandem em diálogo franco-luso-brasileiro, enfatizando o sentido literal e metafórico das pontes como suporte para os deslocamentos e as ligações entre distintos lugares.

Finalmente, gostaria ainda de acrescentar, nestas considerações iniciais, uma reflexão sobre o estranhamento que me ocorreu em relação à marca literária da escrita, diante do compromisso assumido com o volume 9 da revista Texturas. Fiquei pensando que, provavelmente, meu desconforto se assemelha com o que geralmente vivenciam as/os estudantes, quando se deparam com as exigências da produção acadêmica, alheias à sua experiência escolar. Assim, percebo muita emoção/reflexão envolvida neste momento! Reconheço que cumprir a tarefa foi um processo tão trabalhoso quanto prazeroso, extremamente desafiador! Por isso te agradeço o convite, a confiança e o respeito ao tempo excessivamente prorrogado.

Agradeço especialmente pela oportunidade de participar na revista, pois estou cada vez mais convencida sobre quão fecundas podem vir a ser as aproximações entre a escrita acadêmica e a produção literária. Acredito que assumir as marcas literárias na produção acadêmica pode ser uma forma peculiar de exercer o que Paulo Freire denominou de rigorosidade metódica. Ou seja, uma aproximação que pode contribuir para compreendermos/exercermos o rigor sem rigidez; para atendermos às exigências acadêmicas da expressão escrita, de modo crítico e criativo, além de exercê-la como forma de luta e tomada de posição. Uma escrita exercida freireanamente, por quem assume um modo de estar no mundo marcado pelo enfrentamento diante da injustiça social, das desigualdades, das atrocidades, do ódio institucionalizado, das opressões de gênero, classe e raça, e tantas questões que trazem à tona a reflexão sobre a relevância social da produção acadêmica, sem prescindir da expressão autoral crítica e criativa.

Esta é também a compreensão que motivou a escolha da poesia *Pés-quis-ar*, apresentada na epígrafe, como fonte de inspiração. A decomposição da palavra é o recurso empregado pela colega Ana Cristina Moraes, cuja autoria proporciona pensar possibilidades de estetização da escrita acadêmica envolta em intenções pedagógicas (MORAES; CASTRO, 2018). Esta leitura instigou perceber a presença da poesia, da arte e da literatura nas mais recentes Andarilhagens do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. É neste sentido que a escrita desta Carta Pedagógica busca concretizar suas aspirações literárias

Ao fazê-lo, não é difícil encontrar poesia diante da sonoridade presente no termo Andarilhagem, que poderia ser decomposto de diversas formas, entre outras:

An – da – ri – lha – gem

Andar – ilha – gem

Andar – ilhagem ...

Também se torna poética a sonoridade das palavras com que o educador Carlos Rodrigues Brandão apresenta o verbete Andarilhagem, no Dicionário Paulo Freire:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados) e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa. (BRANDÃO, 2018, p. 44).

Assim inspirada, revisitei retrospectivamente as Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros exercidas pelo Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França no intervalo de tempo compreendido entre a publicação dos números 8 e 9 da revista literária Texturas. Não poderia fazê-lo sem referir as diferentes circunstâncias em que escrevo para o volume anterior e este. Inegavelmente, vivemos um novo momento histórico, visto que as expectativas pré-eleitorais se realizaram! Com Lula presidente, o ano de 2023 inaugura um tempo de esperar, que nos desafia a produzir enfrentamentos radicalmente éticos e não violentos. Dito de outra forma, um tempo que nos convida a produzir ações de boniteza.

Boniteza é uma palavra-chave do pensamento freireano que inspira as Andarilhagens do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. É Ana Maria Freire (Nita) quem chama a atenção para a amplitude e a relevância do termo, ao organizar a obra *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire* (FREIRE, Nita; 2021). Publicada em

homenagem ao educador, no ano do centenário de seu nascimento, contém um conjunto de textos que corroboram a compreensão de Nita a respeito de que:

Paulo Freire costuma atribuir novos significados às palavras do uso corrente, ele propõe uma palavra conceito de “boniteza” para além do estético como qualidade de bonito, para ele, é sinônimo de uma expressão de amor, ética, de interesse legítimo e é um ato político para vivenciar de forma plena tudo que humaniza. (Op. Cit., p. 18).

Boniteza foi um conceito fundante da organização do IV Piquenique Cultural com Paulo Freire no Jardim Marielle Franco, em Paris, dia 24 de setembro. Nesta quarta edição, o Piquenique integrou a programação do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular, evento organizado pelo Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE), da UNIPAMPA/RS, em parceria com outros grupos de pesquisa do Brasil, da França e de Portugal; com o Instituto bell hooks Paulo Freire e a Associação Sol do Sul na França; e com o Instituto Paulo Freire em Portugal e a Associação dos supervisores do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil.

Sem mais delongas - como costuma-se dizer no sul do Brasil - a continuidade da escrita compartilha algumas bonitezas produzidas no processo de organização do evento, tão importante quanto sua realização em si. Este ano, enfatizamos a mobilização para o encontro anual, realizando atividades prévias, nas quais conversamos sobre o Coletivo, brincamos com atividades interativas de estudos e leituras - tais como o *Veritek* dos verbetes do Dicionário Paulo Freire e o Acróstico da Pedagogia da Autonomia - além de contar com uma diversidade de expressões culturais, dialogando por meio da arte, da música, da poesia, entre outras.

Realizamos dois piqueniques de mobilização para o encontro anual, ocupando espaços nos Parques André Citroën, em 15 de julho, e Montsouris, dia 29 do mesmo mês. Também realizamos duas atividades que denominamos Sarau de Quintal. Para o primeiro Sarau, no dia 02 de setembro, fomos acolhidas na residência da amiga brasileira e escritora Marilza Foucher, destacada na França como referência em defesa da democracia no Brasil. O II Sarau de Quintal foi realizado no dia do aniversário de Paulo Freire, 19 de setembro, na Universidade Paris 8, local em que o Coletivo foi acolhido pelo professor Valentin Schaepeynck, também participante da organização do evento. Foi assim, com incontáveis bonitezas, que chegamos à quarta edição do Piquenique Cultural com Paulo Freire, integrando a programação do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular.

Na continuidade, apresento algumas imagens que concretizam as pretenciosas aspirações literárias. Com certeza as expressões a seguir não representam a totalidade dos esforços que constituem a boniteza do processo, reconhecendo que o invisível tem

também o seu valor. A intenção é chamar atenção para a diversidade das formas que se complementam, na autoria da expressão de sua palavra.

Os piqueniques que anteciparam o IV Piquenique Cultural, contaram com a sensibilidade da educadora Fabiana Sodré, integrante do Coletivo, para a produção gráfica do material de divulgação.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Nos encontros do Sarau de Quintal, a divulgação contou com as imagens criadas pela artista Lídia Quaresma, apoiadora do Coletivo em diversas ações.



Fonte: acervo pessoal da autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Ainda entre as atividades de mobilização para a participação no evento, realizamos uma atividade de formação de modo virtual, cuja boniteza está na abrangência das articulações em que os estudos e leituras se expandem, desafiando-nos à reinvenção do legado de Paulo Freire, assim como das próprias práticas¹.

1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nassoqm5WdY>

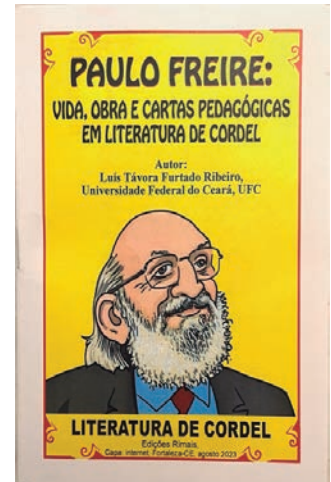


Fonte: acervo pessoal da autora.

O IV Piquenique Cultural foi marcado pela boniteza da disponibilidade das participações, com talentos diversos. A atriz Gabriella Scheer, integrante do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, nos encantou com sua sensibilidade e técnica de expressão corporal, ao colocar em cena a voz de Clarice Lispector.

O professor Luís Távora Furtado Ribeiro, vindo de Fortaleza para participar do evento, nos encantou com seus cordeis, incluindo uma especial criação para o evento em Paris, dizendo-nos assim:

De Paulo Freire na França
Tem um grupo de leitoras,
Mulheres associadas
São suas aves cantoras
Rio Grande do Sul, Ceará,
Cante lá que eu canto cá!
As práticas libertadoras



Fonte: acervo pessoal da autora.

Não bastasse a autoria dos cordeis, o professor fez parceria com o músico Christian Degornet, os quais, juntamente com a professora Liana Garcia Lima, também integrante do Coletivo, brindaram-nos com a boniteza da música que animou o encontro, tendo como tema: Cantando a beleza da vida, a luta e a esperança.

Outro diferencial entre as bonitezas do IV Piquenique Cultural foi a presença da ceramista Ana Bravo, que integrou a programação com a oficina “Impressões freireanas”.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Por fim, também podemos considerar uma boniteza a enorme adesão na inscrição de trabalhos para apresentação no evento. Além de resumos simples, a inscrição incluiu as Cartas Pedagógicas, somando esforços para credibilizá-las como uma alternativa de trabalho acadêmico. Mas o evento inovou com a inscrição de trabalhos em forma de cartões postais pedagógicos. A ideia, concebida na continuidade das Andarilhagens de uma educadora pesquisadora (FREITAS, 2023) foi inaugurada neste evento e anunciou fecundas possibilidades para produzir bonitezas na escrita acadêmica. O template criado para o Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular inaugura concepção e formatação que convidam à produção de cartões postais pedagógicos em outros contextos educativos², valorizando igualmente o processo e o resultado.

Sobre a boniteza do processo de difusão do conceito, fala por si a imagem da Carta Convite dirigida às: “Queridas integrantes do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França e demais parcerias que se somam neste processo de organização do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular nos próximos dias 24 e 25 de setembro”.

*Carta Convite: vamos pés-quis-ar com
cartões postais pedagógicos?*



Fonte: Montagem a partir da visita à exposição do artista Bruno Catalano em Paris, fevereiro de 2023.

Paris, 01 de setembro de 2023.

Esta foi a maneira de fomentar a reflexão sobre o conceito, gestado na pesquisa sobre as Andarilhagens com Cartas Pedagógicas em Paris. O convite para a atividade de cocriação de cartões postais pedagógicos compartilhou estudos sobre o “Match dos verbetes”, no qual realizamos uma leitura freireana de lugares pitorescos da cidade, tendo como objetivo elucidar conceitos e despertar a curiosidade epistemológica para o aprofundamento de estudos.

2. Uma breve apresentação encontra-se disponível no site do ColetivoLeitoras de Paulo Freire na França: bit.ly/leitoraspaulofreirefr

Boniteza foi o conceito que inaugurou as Andarilhagens que convidam à cocriação dos cartões postais pedagógicos, tendo como ponto de partida a escultura Bouquet of tulips, do artista Jeff Koons, localizada junto ao Petit Palais.



Fonte: acervo pessoal da autora.

A atividade prévia sobre os cartões postais pedagógicos foi realizada no dia 2 de setembro e proporcionou identificar o frutuoso potencial pedagógico das Andarilhagens freireanamente exercidas, intencionando a leitura dos verbetes em lugares pitorescos da cidade. Após, juntamente com as demais atividades do IV Piquenique Cultural com Paulo Freire, foi realizado o lançamento da Coleção VerFREIRE – verbetes freireanos ilustrados, apresentando quatro conceitos inaugurais.

O lançamento da Coleção VerFREIRE – verbetes freireanos ilustrados fez parte das atividades organizadas na programação do IV Piquenique Cultural com Paulo Freire no Jardim Marielle Franco, apresentando quatro conceitos inaugurais: Andarilhagem; Escutar; Amorosidade e Boniteza. As pessoas participantes do piquenique no domingo de 24 de setembro de 2023 – esta é uma data que será um marco deste projeto – foram convidadas a inaugurar a escrita dos cartões postais pedagógicos a serem enviados pelo correio. Por enquanto vou deixar propositalmente em aberto a continuidade da narrativa sobre o que aconteceu, porque já me alonguei na escrita. Todavia, registro assim meu convite para seguirmos compartilhando este projeto.

Este convite faz sentido porque é por meio dos cartões postais pedagógicos que mais uma vez as Andarilhagens do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França se entrecruzaram com a revista literária Texturas! Entre os cartões enviados para a participação no encontro, contamos com o que foi produzido em forma de convite aos e às participantes do evento para a publicação nesta edição da Revista Texturas. Então, desta vez, nós trocamos cartões postais pedagógicos! Uma boniteza imensurável! E esta é apenas mais uma motivação para seguirmos criando e convidando a criar produções autorais críticas e criativas.

Apesar de ainda não termos a repercussão do convite entre as produções que integram o presente volume, penso que concluir esta Carta Pedagógica disponibilizando nosso diálogo, escrito neste novo formato, poderá instigar outras autorias nesta direção. Enfim, são muitas as ações que se complementam buscando fomentar autorias e mobilizar parcerias Vale enfatizar, importante é ter

clareza do sentido político do conceito freireano de boniteza que nos representa e nos posiciona para seguir as Andarilhagens. Produzir bonitezas é portanto perseguir a luta para criar condições de vida digna, contra todas as formas de opressão.

Sumariando as bonitezas do evento, incluo o cartaz de divulgação, cuja arte, produzida pela educadora Aline do Carmo, é expressão da potencialidade do encontro e dos desafios que decorrem da abrangência do diálogo.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Antes de concluir, impossível deixar de compartilhar, com imensa alegria, uma realização no dia 13 de novembro, justamente quando finalizava a escrita desta Carta Pedagógica. Nesta data formalizamos no site oficial da administração francesa a demanda de inscrição do Coletivo como uma Associação. Este encaminhamento é resultado da soma de esforços empreendidos contra os obstáculos, de naturezas diversas, que poderiam ser motivos para desistirmos de continuar. Entretanto, quando (re)existimos como coletivo, estabelecendo parceiras, nos tornamos mais fortes e menos vulneráveis.

Acreditamos que o reconhecimento do *Collectif Lectrices de Paulo Freire en France* demarcará o começo de um novo ciclo nas Andarilhagens que se expandem, em diálogo franco-luso-brasileiro. Curiosamente, a data de registro da solicitação coincide com o aniversário de 90 anos de Nita Freire, cuja presença em nossas Andarilhagens agradecemos e celebramos. Finalizo, em forma de homenagem, compartilhando a boniteza de sua presença como referência para inspirar a todas, todos e todes quanto à tenacidade e perseverança³. Esta imagem soma-se às demais, fazendo diferença para corresponder às aspirações literárias, sobre as quais tenho/temos muito a aprender com a revista *Texturas*.

3. A imagem integrou a homenagem feita pelo Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França a Nita Freire na cerimônia de Lavagem de La Madeleine em Paris, em 04 de setembro de 2022.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Forte abraço,

Ana Lúcia Souza de Freitas

Porto, 15 de novembro de 2023.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 44-45.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire**. -- 2a ed. -- Belo Horizonte: Caravana, 2023.

MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação** v. 23, e230091, 2018, p. 1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yk6kZHRLP7nhyPWHL7TRJC/?lang=pt&format=html> Acesso: 17 out. 2023.

Lançamento de *Texturas 8*
na *Latinas Livraria*.
Fotografia por *Cyntia Silva*
Florianópolis/SC,
março de 2023.

Oficina da Palavra

📍 SITE → WWW.OFPALAVRA.COM.BR
🎧 SPOTIFY → TEXTURAS SONORA
📷 INSTAGRAM → @OFICINA_DA_PALAVRA



Dinovaldo Gilioli. (1957-) Poeta, escritor e ativista cultural, Dino é natural de Leópolis/PR, morou em Curitiba e reside atualmente em Florianópolis/SC. Tem 9 livros publicados, o último, *Palavras Traçadas*, totalmente artesanal (escrito à mão) e poemas em mais de 20 antologias. Foi editor da revista *Pantanal*, publicada pela Elase, divulgando trabalhos de escritores brasileiros. É um dos coordenadores do concurso literário Conto e Poesia, promovido pelo Sinergia (Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis e Região). Realizou com os artistas plásticos Schneider e Marcelo Pagliarim, as exposições *Arte e Poesia em Movimento* e *O silêncio arde*.

Florianópolis, 23 de agosto de 2023.

CAROS(AS) LEITORES(AS),

Compartilho com vocês um texto que produzi a partir da leitura e da audição da última revista *Texturas*:

Antes de andarilhar pelas letras, preferi seguir as ondas sonoras de texturas. Agucei meus ouvidos em alto volume para não perder sequer os latidos do cachorro ao fundo. Essa experiência, digamos, sensorial, me fez perceber - sem precisar ler, a potência do número 8 da revista. Daí, pensei, o oito deitado é o símbolo do infinito. Logo refleti e desisti desse ato impensado. Afinal, o que tem a ver o só escutado? A qualidade literária e estética não está no oito do infinito. Mas no infinito do 8. Posto que as palavras andantes, na voz dos anunciantes poetas, prosa-dores, loucos utópicos, percorrem caminhos dantes não navegados.

*Nas montanhas russas das cordas vocais latejaram palavras agora presas-livres em minha memória. Palavras que esvoaçam, que tocam as ruas e as luas em todas as suas estações. Deriva daí esse texto meio fora ou dentro do contexto. Depois da experiência sonora que alargou os meus olhos, eis que deles me aproprio para a leitura quieta e pacienciosa de *Texturas*. Percorro minuciosamente suas retas e curvas, suas esquinas sem sinas, às vezes com e sem rimas.*

*Ensimesmado pelas palavras que me abduziram do início ao fim, me dei conta de mim, e do quanto não sei do universo, do verso e da prosa que unem num só espaço o sonho de ainda poder sonhar para além terra, para além mar. Quem sabe um tango em Paris ao lado das meninas de lá, do coletivo leitoras de Paulo Freire, nas asas de suas cartas pedagógicas, com as meninas e meninos de cá. No dorso de *Texturas*, feito cavalos e éguas aladas, muitas léguas de distância, muitos trotes de palavras. Assim, afeitas as vertigens dos pensamentos e dos corações atentos, que possam as cartas da revista 9 apontar outras hortas, entre tantas hortaliças literárias, cujas sementes abelham horizontes e na divina comédia de Dante. Que dizem ter escrito, mas há controvérsia: “no inferno os lugares mais quentes são reservados àqueles que escolheram a neutralidade em tempo de crise”.*

*Entre o dito e o não dito, entre o escrito e o não escrito, entre acreditar e não acreditar no inferno, me previno e saio por aí tocando o sino da consciência, tal qual na audição das escritas de *Texturas*. Em qualquer tempo e sociedade, não há espaço para neutralidade! Muito menos em *Texturas*, isso posso atestar. Só não sei dizer se o que escrevo é uma carta pedagógica ou uma viagem escatológica, encharcada da leitura e audição da *Textura* oito.*

Agora me dão licença, vou comer um biscoito!

Dinovaldo.



Colaboraram com ilustrações para esta edição:

Cyntia de Oliveira e Silva. (1966 -) Brasiliense, vive em Florianópolis/SC. É professora de Língua Portuguesa, fundadora da Oficina da Palavra e editora da Revista Texturas. Apaixonada por palavras, busca inspiração na poesia, música, cinema, fotografia e artes plásticas. www.ofpalavra.com.br/cyntiasilva



Daniela Vaz. (1971 -) a.k.a. DANÁVAZ. Nascida em São Paulo, capital, reside em Florianópolis desde 2018. Ilustradora, escritora e artista multimídia, formada em Comunicação Social pelas FIAM e em Belas Artes pela Academia Brasileira de Artes, SP. Se utiliza de diversas técnicas, permeando as artes plásticas, fotográficas, cenográficas e digitais. Há mais de 30 anos trabalhando junto a estúdios de arte, ilustração, fotografia, decoração e cenografia. Colabora também com produtoras, agências de publicidade, além de jornais e revistas físicas e digitais.

Instagram: @danavaz e @danavaz.art | danavaz@gmail.com
WhatsApp (48)991228505 site (em reforma) www.danavaz.com.br



Francisco Mibielli. (1942 -) É escritor e ilustrador, nasceu em Belo Horizonte, mora em Florianópolis, buscando inspiração na natureza para seu trabalho de formas e cores. Desde cedo ligado às artes, entrou na Escola de Belas Artes em Minas Gerais, estudou pintura com o Mestre Guignard e escultura com Franz Weissmann.. Completou seu estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro e filiou-se à Sociedade Brasileira de Belas Artes. Atuou também como cenarista e figurinista teatral. Instagram@mibiellifrancisco

Jason de Lima e Silva. (1972 -) Nascido em Florianópolis-SC. Professor de Filosofia do Centro de Ciências da Educação (UFSC). Ensaísta e ilustrador. www.instagram.com/jasondelimaesilva

Max Beulke . (1999 -) Nascido em Rio do Sul/SC, vive em Florianópolis. Ilustrador, amante de livros e filmes, escritor amador. Instagram @maxbeulke



Patricia Reuter. (1966) É carioca de nascimento e cidadã do mundo por opção. Tem formação em Música e Musicoterapia, atuou profissionalmente como professora de Arte e hoje transita entre diferentes linguagens artísticas como meio de expressão de vida. Instagram @patricia.reuter.9, também responde como @galegadotriangulo, é idealizadora da arte @patibiana_borboletas, diretora de formação e aperfeiçoamento do @institutolucianomartins e integrante do @portal_do_choro_grupo. “Viver a vida intensamente, sem medo de ser feliz”.



Renato Nascimento. (1978 -) o RêNascimento, é pai de 2 filhos e adora ilustrar temas que falam sobre autodesenvolvimento, consciência, amor e paz. Natural de Limeira/SP, sempre teve muito contato com arte por influência de seus pais. Formou-se em Design Gráfico e trabalha com ilustração e infografia desde 2002. Instagram: @renascimento.art



Roberto Gorgati. (1974 -) É natural da cidade de São Paulo onde se formou em Artes Gráficas. Desde 1997 vive em Florianópolis onde se graduou em Artes Cênicas. Atualmente trabalha com ilustrações, projetos gráficos e teatro de bonecos. Suas ilustrações são produzidas digitalmente onde a montagem das imagens é feita com fragmentos e peças de outros arranjos gráficos. Instagram: @robertogorgati



Bússola 2.
Foto de Cyntia Silva. Florianópolis/SC, 2022.



A proposta da Oficina da Palavra

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra, proporcionamos cursos com algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

A **Revista Texturas** é uma publicação literária da Oficina da Palavra. Ex-alunos e convidados trazem a literatura em suas vidas e nos brindam com suas palavras e reflexões. Entre os textos, temos contos, crônicas, poesias, aforismos, cartas, fotografias, artes plásticas e outras imagens usadas como fios das vidas e das histórias que passam por ela.

Destaco que a opinião expressa nos textos e imagens representa a opinião de autores(as) e ilustradores(as) e não indica, necessariamente, a opinião da editoria da Revista Texturas.

Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação em diversos contextos: literário, acadêmico ou técnico-profissional; vestibular e concurso; mídia digital ou [simplesmente] para o prazer de escrever criativamente.

Contatos:

cynthia@ofpalavra.com.br

(48) 9 8481-0843

[Instagram@oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

www.ofpalavra.com.br





Brasil 78 1,80

Brasil 78 1,80

Brasil R\$ 0,05



Brasil 77 1,30

Brasil 76 1,00

Brasil 76 1,00

Brasil 76 1,00

Brasil 76 1,00

Brasil 76 1,00

Brasil 79 12,00



7,50

Brasil R\$

BRASIL Correio

0,10

Brasil R\$ 0



OFICINA da Palavra PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR



Brasil 76 1,00

Brasil 76 7,50

Brasil 80 4,00

Brasil 80 4,00

Brasil 77 7,50

Brasil 79 4,00



BRASILIA



Brasil 77 1,00

Brasil 79 2,50

0,40

3,20

BRASILIANA 3,20

Brasil 79 12,00

Brasil 79 2,50